Anita Garibaldi

Retratos da Memória



Valberto Dirksen

O município de Anita Garibaldi localiza-se no planalto serrano, na região conhecida antigamente como Entre Rios ou, então, como Rincão dos Baguais. Ali o fazendeiro José Maria Antunes Ramos fundou em 1900 uma colônia a que deu o nome de Anita Garibaldi.

Anita Garibaldi: Retratos da Memória aborda aspectos do processo de povoamento da região por fazendeiros e seus empregados, e da colonização italiana por imigrantes do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

O livro trata também do desenvolvimento econômico, da evolução política, da cultura, das tradições, dos costumes e da religiosidade da população que ali se estabeleceu ao longo dos anos.

No dia 4 de dezembro de 1961 foi solenemente instalado o município e a cidade não passava de uma pequena vila. Agora, passados cinqüenta anos, a cidade conta com mais de quatro mil habitantes.

Valberto Dirksen

Anita Garibaldi

Retratos da Memória

Florianópolis – SC
2023

(Catalogação na publicação por Adriana Tomaz - CRB-14/663)

D599
Dirksen, Valberto
Anita Garibaldi: retratos da memória / Valberto Dirksen. 2. ed. rev. atual.
Florianópolis: Do Autor, 2023.
126 p.: il. fot.; 21cm.

ISBN: 978-65-997799-8-5
E-book, PDF.

1. Anita Garibaldi (SC) 2. História 3. Colonização (SC) I.Título

CDU 981.641.301

Capa e editoração eletrônica:
José Valmeci de Souza (Atta)

Foto da Capa: Gil Karlos Ferri

Endereço do Autor:
dirksenbr@yahoo.com.br

Ao Capitão

José Maria Antunes Ramos

Fundador de Anita Garibaldi

Apresentação

Temos a grata satisfação de apresentar a obra ANITA GARIBALDI: RETRATOS DA MEMÓRIA, de autoria do professor **Valberto Dirksen** que, a partir do seu currículo, ímpar em nosso meio, analisa o conjunto de padrões de comportamento da população anitense, ao longo do tempo.

Missão árdua, de vez que, a cultura da nossa gente foi objeto de vários acontecimentos impactantes que implicam em alta complexidade de critérios para a formação de parâmetros sociais aptos à sua análise.

Isto a partir da colonização, quando italianos vindos do Rio Grande do Sul, se instalaram na região e que passaram naturalmente por um delicado processo de interação com a população nativa.

Mas o grande impacto ocorreu com o ciclo da madeira, iniciado na década de 50, quando madeireiras oriundas de diversas regiões se instalaram no Município, sendo que cada indústria se constituía em um núcleo residencial. Este povo, formado por empresários e trabalhadores, vinha de cidades, do interior, cada um com os seus hábitos e valores. Este processo se estendeu até o fim da década de 70, portanto o aculturamento foi pleno, com todas as transformações requeridas pelas circunstâncias.

No final da década de 70, os pinheirais (araucária), as madeiras de lei e mesmo o mato branco estavam se exaurindo e as madeireiras sendo desativadas, iniciando-se aí, um terrível processo de êxodo da população, reduzindo em cerca de 50% o número de habitantes do Município, dando início a uma séria recessão econômica, com desmotivação da população.

Em 2001, teve início o movimento das barragens, quando um novo e considerável contingente chegou à Anita Garibaldi, buscando integração com a população local.

A revolução social foi mais uma vez extremamente intensa, com o deslocamento de grande parcela da população das áreas atingidas, que foram transferidas para reassentamentos, onde as instalações, as terras, os vizinhos, as formas de produção eram diferentes, processando-se um novo aculturamento dessa sociedade.

Veja-se as mudanças de padrões de comportamento, de valores, de ideias, de hábitos a que em poucas décadas, esta população foi submetida. Daí a complexidade da sua análise e interpretação dos respectivos fenômenos sociais; mas para felicidade nossa o caldo cultural de tudo isto foi positivo; pois os nossos índices de criminalidade são próximos a zero; não temos assaltos, não temos roubos, mas sim um povo ordeiro, honesto e trabalhador.

As barragens, é preciso que se diga, trouxeram estabilidade à população; as famílias reassentadas permanecem recebendo assistência psicológica e social por profissionais habilitados bem como, técnica e financeira na área produtiva.

A cidade, por ser dotada de melhor estrutura econômica, política e social, passou à condição de pólo de uma microrregião, daí o título de Capital Catarinense dos Lagos, concedido pela Assembleia Legislativa do Estado.

Parabéns e aplausos ao professor Valberto Dirksen.

Darcy Pereira Lima
in memoriam

Agradecimentos

Este livro não é só obra minha. Contou com a colaboração de muitas pessoas. Uns contribuíram no levantamento de dados, outros na redação e, por fim, na revisão do texto.

– Ao ex-prefeito municipal Roberto Marin e ao vice-prefeito Júlio Pinheiro, pelo incentivo e apôio desde o primeiro momento em que entramos em contato com a administração municipal em vista da publicação deste livro.

– Ao Secretário da Agricultura Roberto Viecelli, pela prestimosa colaboração no fornecimento de dados estatísticos e informações gerais sobre tradições, hábitos e costumes da população.

– Ao historiador Gil Karlos Ferri, da Universidade Federal de Santa Catarina, pelo fornecimento de dados e pela abalizada revisão do conteúdo do texto.

– Ao casal Gildaci Ferri e Claudete Oliveria da Silva Ferri pela generosa acolhida, apoio e colaboração na pesquisa. Seus contatos com pessoas da comunidade foram fundamentais para a coleta dos dados.

– Às professoras Dilvete Moraes Adamy e Claudete de Almeida Bérgamo pelo excelente trabalho de pesquisa histórica sobre as origens e o desenvolvimento da comunidade-distrito de Lagoa da Estiva. Muitas informações da pesquisa foram utilizadas na elaboração deste livro.

– Ao senhor Naziozeno Salmória (*in memoriam*), homem de lúcida memória e sábios conhecimentos, em muito contribuiu com suas informações para compreender aspectos da história e da sociedade anitense.

– À Simone Martins de Castilhos Godoy, por sua valiosa contribuição referente à Casa Lar.

Sumário

Introdução

Em 1996 Graciano Martello publicou o livro *História de Anita Garibaldi*. É uma obra meritória que contribui muito para o conhecimento desse importante município do Planalto Catarinense. Retomamos sua narrativa, pois o autor deixou em aberto o capítulo que trata da fundação da Colônia Anita Garibaldi. Verdade é que nenhum historiador poderá dar conta da totalidade do assunto em estudo, pois a história é multifacetada e sempre haverá espaços para novas pesquisas e novas abordagens. Sempre haverá lacunas que outros pesquisadores poderão preencher. Meu objetivo, com a publicação deste livro, é somar informações para conhecer melhor a história do município de Anita Garibaldi.

Examinando os documentos que se encontram no Museu Histórico Thiago de Castro, em Lages, relativos à região de Entre Rios, constatei que em 1899 o Capitão **José Maria Antunes Ramos** decidiu fundar em terras de sua propriedade uma colônia dividindo parte de sua fazenda em lotes de 30 hectares. Deu à colônia o nome de **Anita Garibaldi** em homenagem à guerreira que teria passado ali por volta de 1840. Fez, inclusive, propaganda entre os italianos do Rio Grande do Sul com o objetivo de atrair compradores ao seu empreendimento. A colônia foi instalada solenemente no dia **29 de agosto de 1900** com a presença de mais de 20 imigrantes que haviam comprado lotes.

Enquanto realizava esta pesquisa, localizei no Arquivo Público de Santa Catarina o mapa da colônia Anita Garibaldi, confeccionado pelo engenheiro e agrimensor Rodolpho Sabatini. O mapa mostra a divisão da colônia em lotes, bem

como o plano da sede da colônia com os diversos logradouros públicos e que corresponde à atual área central da cidade de Anita Garibaldi.

Aos colonos ítalos do Rio Grande do Sul juntaram-se mais tarde outros, também ítalos, vindos do Sul de Santa Catarina. A maioria deles foi bem sucedida e aos poucos assumiram as mais diversas ocupações e lideranças na igreja, na escola e no comércio. Cedo os representantes dos partidos políticos da região serrana encontraram adeptos entre as lideranças de Anita Garibaldi com quem estabeleceram alianças. Para tirar a região do isolamento, foi criado em 1931 o distrito de Anita Garibaldi com a instalação de uma intendência, cartório e outros órgãos públicos.

Porém, muito antes da vinda dos imigrantes italianos, a região de Entre Rios já era conhecida e habitada. Desde épocas remotas, tribos indígenas habitavam e migravam sazonalmente para essas terras, principalmente na época do pinhão maduro. A partir do século XVIII, com a ocupação do planalto serrano por fazendeiros paulistas, vieram estabelecer-se nessa região criadores de gado com seus peões, empregados e escravos. Documentos informam que a região era também lugar de passagem de tropeiros que, ao levar muares do Rio Grande do Sul para Sorocaba, em São Paulo, encontravam aqui lugar para sesteada e abastecimento. Nessa primeira fase de ocupação da região predominou a criação de gado bovino e de muares.

Em meados do século XX, madeireiros deram início, em larga escala, à exploração da araucária, muito abundante na região. Num primeiro momento, houve aparente progresso, mas depois, com o fim da madeira, restou o desemprego, provocando grande êxodo populacional. Com o fim do ciclo da madeira, a economia principal do município passou a ser a pecuária e a agricultura, com ênfase para o milho e o feijão.

Em 1961 foi criado o município. Sua instalação aconteceu a 4 de dezembro, data que celebra o dia da padroeira local, Santa Bárbara. Em 1989, Anita Garibaldi teve o seu território reduzido com a criação do município de Celso Ramos. Recentemente, o município experimentou significativos impactos econômicos e sociais com a instalação das hidrelétricas de Barra Grande no Rio Pelotas e de Campos Novos no Rio Canoas. Essas obras tiveram grande impacto ambiental e geraram novo êxodo rural, em parte motivado pela inundação de terras pelos lagos das represas e, em parte, pela oferta de empregos na cidade graças à presença, ainda que temporária, de operários e funcionários das empresas construtoras das barragens.

No ano de 2011 comemorou-se o cinquentenário de criação do município. Durante esses anos, muito se realizou. Apesar dos percalços na gestão pública, houve melhorias na cidade e no interior. Como em todas as sociedades, também em Anita Garibaldi, surgem sempre novos desafios pela frente, tanto para a atual como para as futuras administrações. Quais são esses desafios? Como superá-los?

[1]

Povoamento, colonização e organização política

Não há notícias documentadas a respeito dos primeiros povoadores da região que constitui o atual município de Anita Garibaldi. A tradição oral faz referência à passagem de tropeiros que teriam cruzado aquele território ao conduzirem gado e muares do Rio Grande do Sul a Sorocaba, em São Paulo. Ao realizar esse trajeto, paravam em um ou outro lugar para descanso e abastecimento. Com o passar dos anos, os pousos e currais tiveram moradores permanentes, transformando-se em povoados, onde, além do comércio normal com mercadorias transportadas pelos tropeiros, havia também troca e venda de animais de montaria e de carga com moradores locais ou da redondeza.[1]

O antigo povoado que mais tarde veio a ser a sede do município chamava-se então "Rincão dos Baguais", provavelmente em virtude da criação de equinos e de muares pelos fazendeiros Manoel Pedro Ribeiro e José Maria Antunes Ramos.

1.1 Fundação da Colônia Anita Garibaldi

A região onde hoje se localiza o município de Anita Garibaldi, incluindo o município vizinho de Celso Ramos, era

---

[1] Cf. MARTELLO, Graciano. *História de Anita Garibaldi*. Porto Alegre: EST, 1996. p. 43 e ss.

conhecida também como Entre Rios, situada entre dois grandes rios, o Pelotas e o Canoas.

A ocupação sistemática de Anita Garibaldi teve início no final do século XIX, quando o Capitão José Maria Antunes Ramos resolveu fundar uma colônia em terras de sua propriedade dividindo uma de suas fazendas em lotes de 30 hectares cada um. Os lotes seriam vendidos a imigrantes e seus descendentes, principalmente de origem italiana do Rio Grande do Sul.

A respeito da fundação da colônia, o jornal "Região Serrana" trazia no dia 10 de junho de 1899, a seguinte notícia:

> *Sabemos que firmaram contrato, os srs. engenheiro Rodolpho Sabatini e José Maria Antunes Ramos, sobre demarcação e divisão de lotes coloniais de 30 hectares, cada um, nos matos das costas dos rios Pelotas e Canoas, no distrito de Campo Belo, neste município.*
>
> *Começarão os trabalhos técnicos no dia 1º de setembro próximo.*
>
> *Mais de 50 famílias de nacionalidade italiana já requereram compra nos terrenos da colônia, que intitular-se-á Colônia Garibaldi.*[2]

Alguns meses mais tarde, no dia 12 de novembro de 1899, o mesmo jornal "Região Serrana" publicava novamente matéria sob o título "Colônia Garibaldi", com a seguinte informação:

> *Seguiu para Entre Rios, Fazenda dos Anzóis, o sr. Engenheiro Sabatini, a fim de iniciar os trabalhos técnicos relativos à demarcação e divisão dos lotes desta futura colônia.*
>
> *Sabemos, outrossim, que a mesma será povoada por colonos de mais nacionalidades, compreendendo também nossos patrícios dedicados especialmente à cultura do fumo, e que vivendo atualmente como agregados de terrenos, requereram compra de muitos lotes para aí estabelecer-se e desenvolver na mesma colônia tão importante ramo de indústria.*[3]

---

2 *Colônia Garibaldi.* Jornal "Região Serrana", nº 111. Lages (SC), 10 jun. 1899.

3 *Colônia Garibaldi.* Jornal "Região Serrana", nº 129. Lages, 12 nov. 1899.



Planta da colônia Anita Garibaldi.
Acervo: Arquivo Público do Estado de Santa Catarina (P512).

De acordo com o mapa, a colônia contava com 105 lotes demarcados, com uma área média de 30 hectares cada lote, perfazendo uma área de 41.160.718 m². Além dessa área já dimensionada, o Capitão José Maria Antunes Ramos havia destinado mais terras de sua propriedade para colonização, como consta na anotação do mapa acima.

A região era coberta por densa floresta, cuja vegetação principal era a araucária e as terras situadas entre a sede da colônia e o rio Canoas eram bastante acidentadas. O trabalho de abrir as picadas para a medição dos lotes foi árduo e demorado. Mesmo assim, o serviço progrediu rapidamente e antes do fim do ano um grande número de lotes já estava demarcado. Noticiava o jornal "Região Serrana" em novembro de 1900:

Os lotes coloniais que se compõem cada um de 30 hectares, dividem-se em urbanos e rústicos. Destes últimos foram vendidos 94 lotes a um grupo de famílias, que representam um agregado

de 600 indivíduos, ou seja, 250 homens aptos, de modo a fazerem valer imediatamente a força de seus braços e o valor de suas inteligências. [...]

Sobreleva notar-se o fino tato do engenheiro Sabatini, em aceitar para o povoamento da colônia tão somente os indivíduos estrangeiros, porém já domiciliados no país e, portanto, habilitados em todos os sentidos para, com maior facilidade e probabilidade mui próxima de lucros, realizarem com real êxito o fim a que se destina a fundação de colônias em nosso país.[4]

Chama a atenção o fato de se dar preferência a colonos estrangeiros, mas já sediados no país e com experiência e conhecimento no trabalhar a terra. Naquela época, defendia-se a teoria de que o elemento branco europeu era o mais adequado para colonizar o Brasil em virtude de sua laboriosidade, valores morais e cultura. Pensava-se na produtividade e lucro dos colonos.

O próprio diretor, engenheiro Rodolpho Sabatini, empreendeu uma viagem ao Rio Grande do Sul para fazer propaganda da nova colônia. Ao voltar, vários colonos o acompanharam e se interessaram pelas férteis terras na margem do rio Canoas.

Estiveram a semana passada nesta cidade [Lages] *os srs. José Maria Antunes Ramos e o engenheiro Rodolpho Sabatini. [...]*

Fomos por eles informados que os primeiros cem lotes de terras encontraram pronta venda a italianos residentes de há muito nas colônias do Rio Grande do Sul, alguns dos quais já se acham, com suas famílias, estabelecidos nos seus lotes, devendo brevemente chegar os demais, sendo que as escrituras de venda deverão ser assinadas por ocasião da instalação da colônia.

Estão construídas na sede da colônia, por enquanto, a casa do diretor e diversas casas provisórias para trabalhadores, e dentro de pouco tempo o diretor dará começo à construção da igreja para cujo fim tem conseguido não pequena quantia por meio de subscrição. [...]

---

[4] *Colônia Garibaldi.* Jornal "Região Serrana", nº 138, Lages (SC), 10 nov. 1900.

É, portanto, um fato consumado, a criação da colônia Anita Garibaldi.[5]

Como indica o documento acima, o fundador da colônia teve a preocupação de construir logo uma igreja, pois os imigrantes eram portadores de uma singular religiosidade trazida da Itália e dificilmente se adaptariam à nova realidade sem a igreja onde pudessem se reunir aos domingos para suas rezas e obrigações religiosas. A existência de uma igreja na colônia era, sem dúvida, uma nota favorável na propaganda e na venda dos lotes.

O documento abaixo pode ser considerado a certidão de nascimento do município de Anita Garibaldi. Nele se lê textualmente:

Instalou-se no dia 29 de agosto findo, no distrito de Campo Belo, a colônia Anita Garibaldi, da qual é fundador o Sr. Capitão José Maria Antunes e diretor o Sr. engenheiro Rodolpho Sabatini. O ato de instalação realizou-se com a presença de dezenove famílias que imediatamente apossaram-se de seus respectivos lotes coloniais.
Brevemente instalar-se-ão mais dezessete.
No objetivo de realizar até o fim do ano a inauguração definitiva do núcleo, seguirá em viagem para as colônias riograndenses, o sr. diretor que irá tratar de conseguir o maior número possível de colonos.[6]

Foi, portanto, **José Maria Antunes Ramos**,[7] um dos maiores fazendeiros do planalto serrano, que **a 29 de agosto**

---

[5] *Colônia Anita Garibaldi.* Jornal "Região Serrana", nº 153. Lages, 06 maio 1900.

[6] *Colônia Anita Garibaldi.* Jornal "Região Serrana", nº 170. Lages, 09 set. 1900, p. 4, col. 3.

[7] **José Maria Antunes Ramos** nasceu em Lages no dia 5 de maio de 1864 e faleceu, vítima de acidente de carro, em Rio do Sul no dia 3 de agosto de 1927. Era filho de José Antunes Lima e de Maria Gertrudes de Moura Ramos Lima. Filiado ao Partido Conservador, foi deputado à Assembleia Legislativa Provincial de Santa Catarina na 26ª legislatura (1886 -1887). Além da fazenda em Anita Garibaldi, possuía uma fazenda na localidade de Pavão, em Lages, e outra no interior de São Paulo.

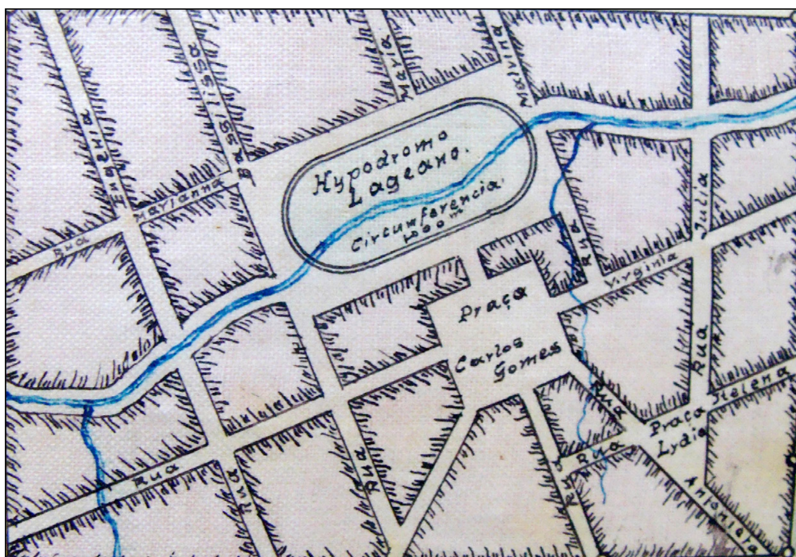
de 1900 fundou Anita Garibaldi. Como tantos outros, também ele teve a iniciativa de fundar uma colônia, dividindo terras de uma de suas fazendas em lotes de 30 hectares. Surpreende que um fazendeiro, com mentalidade de latifundiário, tenha percebido a importância e as vantagens econômicas e sociais do minifúndio para o desenvolvimento da região. Por outro lado, há de se considerar que, como deputado provincial (1886-1887), certamente participou dos debates em torno de projetos coloniais em Santa Catarina. Tinha, portanto, conhecimento dos modelos coloniais em andamento no Sul do Brasil e percebeu as vantagens e os lucros que poderia auferir, dividindo suas terras em lotes e vendê-los. Tinha consciência de que o latifúndio lhe dava prestígio e poder político, mas percebeu também que a venda da terra dividida em lotes lhe renderia dinheiro.

Existem diversas versões sobre o porquê do nome "Anita Garibaldi", algumas enfeitadas com lendas. Tais versões merecem nosso respeito, mas não há como comprová-las. Por outro lado, os documentos existentes nos arquivos são claros e não deixam dúvida: foi José Maria Antunes Ramos que deu o nome de "Anita Garibaldi" à colônia que ele fundou e que solenemente instalou no dia 29 de agosto de 1900 com a presença de 19 famílias de origem italiana trazidas do Rio Grande do Sul. Com a chegada de mais 17 famílias para breve, o número de imigrantes chegaria logo a 36 famílias espalhadas pelos lotes coloniais que se estendiam desde a sede da colônia até a comunidade de Santa Ana junto ao rio Canoas e ao longo do lajeado Antunes e de seus afluentes da margem direita.

Os memorialistas Augusto Waldrigues e Graciano Martello fizeram um levantamento das famílias ítalo-brasileiras consideradas pioneiras na ocupação da colônia Anita Garibaldi. Entre outras, eles citam: Benvenuto Menegazzo, Ângelo Menegazzo, Paulino Granzotto, José Granzotto, Eduardo Salmória, Aquiles Salmória, Lourenço Ceregatti, Júlio Ceregatti, Augusto Chinatto,

Ângelo Cironi, Atílio Gracietti, Benvenuto Gracietti, Santo Gracietti, Luiz Gracietti, Antônio Biazotto com suas respectivas famílias.[8]

De acordo com o projeto do engenheiro Rodolpho Sabatini, o plano da cidade de Anita Garibaldi apresentava o formato de um quadrilátero, tendo no centro dois logradouros públicos com o nome de "Praça Carlos Gomes" e "Praça Lídia". Nos fundos, onde hoje se encontra o complexo esportivo municipal "Silvério Pucci Ceregatti", localizava-se o "Hipódromo Lageano" com 1.000 metros de circunferência, uma grande área em formato oval destinada para corrida de cavalos. As ruas também tinham seus nomes: rua Virgínia, rua Helena, rua Mariana, rua Eugênia, rua Bassilissa, rua Maria, rua Malvina e rua Júlia.



Planta da colônia Anita Garibaldi. Plano da cidade.
Acervo: Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. P512.

---

8 WALDRIGUES, Augusto e MARTELLO, Graciano. *História de Anita Garibaldi*. Porto Alegre: Edições EST, 1996. p. 90.

Com o passar dos anos foram mudados os nomes das ruas e das praças. Isso é compreensível. Nada mais justo que pessoas beneméritas, depois de haverem prestado serviços relevantes à comunidade, tenham sua memória perpetuada em logradouros públicos da cidade.

No relatório apresentado ao Conselho Municipal de Lages em data de 2 de janeiro de 1902, o superintendente Vidal José de Oliveira Ramos Junior declarava:

> *Vai tendo rápido incremento a colônia Anita Garibaldi, fundada pelos cidadãos José Maria Antunes Ramos e Rodolpho Sabatini, em terrenos de propriedade do primeiro, no distrito de Campo Belo. A sede da colônia, que conta atualmente umas doze habitações regulares, possui uma atafona perfeitamente montada, um engenho de serra, duas casas de negócio, uma ferraria e uma sapataria, etc. Sobe a 22 o número de famílias localizadas nos respectivos lotes. Estão sendo, portanto, bem compensados os esforços que os poderes municipais têm feito para auxiliar esta útil empresa.*[9]

Quando se tratava da ocupação de espaços territoriais, os rios eram sempre de fundamental importância. Além de garantir o abastecimento de água, suas cachoeiras eram fonte de energia para mover moinhos e nas extensões navegáveis serviam como vias de comunicação e de navegação. A colonização de Anita Garibaldi por colonos procedentes do Rio Grande do Sul se estendeu num primeiro momento da sede da colônia ao longo do lajeado Antunes e de seus afluentes, e do lajeado Caçador em direção ao rio Canoas. Estes rios apresentavam excelentes condições para a instalação de atafonas e serrarias, graças ao declive de mais de 200 metros até desembocarem no rio Canoas. A margem do rio Canoas, por sua vez, apresentava

9 Vidal José de Oliveira Ramos Junior – Superintendente. *Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Lages*. p. 6-7. Data: 02 jan. 1902.

as melhores terras da região para lavoura. Ali os imigrantes formaram um importante núcleo, o de Santa Ana, onde construíram a igreja e a escola.

A partir da década de 1930 houve uma segunda migração de italianos para Anita Garibaldi, procedentes de Serra-abaixo, isto é, do Sul de Santa Catarina, mais precisamente da região carbonífera que compreende os municípios de Urussanga, Treviso, Siderópolis e Lauro Müller. A maioria deles estabeleceu-se no atual município de Celso Ramos, ramificando-se, mais tarde, para Anita Garibaldi, como as famílias Suppi, Ambrósio, Galli, Martinelli, entre outras. Outros foram diretamente para Anita Garibaldi, estabelecendo-se ao longo do lajeado Antunes como as famílias Feltrin[10], Scarmagnani, Peterle que adquiriram propriedades dos antigos imigrantes italianos vindos do Rio Grande do Sul.

A ideia de que Anita Garibaldi era uma colônia e não uma terra de fazendeiros continuou viva na memória das autoridades. Ainda em 1932 o jornal serrano "A Época" afirmava que Anita Garibaldi era a única colônia em todo o grande município de Lages. Diz o informativo:

> *Para a ligação desta cidade ao distrito de Anita Garibaldi, **única colônia do município**, faltava construir um trecho de estrada de rodagem de cerca de 18 quilômetros, entre o rio dos Portões e Casa Nova, pelo que a Prefeitura iniciou os respectivos trabalhos, sob a administração do Sr. Paulino Granzotto, dedicado Intendente daquele distrito.*[11]

---

10 A família Feltrin mora desde 1950 a poucos quilômetros da cidade, na margem esquerda do lajeado Antunes, na casa considerada a mais antiga do município. Teria sido construída por volta de 1903 por José Granzotto. Na propriedade existiu um gerador que fornecia energia elétrica ao então distrito de Anita Garibaldi. Havia também um moinho que, no entanto, desapareceu em 1979 quando foi destruído por um incêndio.

11 Jornal "A Época", nº 233, 12 jan. 1932.

1.2 Organização política

Uma análise histórica mais acurada de Anita Garibaldi mostra várias fases no desenvolvimento político desse município.

Da nulidade à ação

Nos primeiros anos os moradores da região que seria o futuro município de Anita Garibaldi mostraram pouco interesse em questões de natureza política. De uma parte, os caboclos, peões ou agregados de fazendas, por serem analfabetos e por isso sem direito a voto, ficavam alheios a qualquer tipo de atividade política, pois esta era prerrogativa dos fazendeiros latifundiários em conexão com os políticos de Lages. Por outro lado, os imigrantes recém-chegados das colônias italianas do Rio Grande do Sul também pouco interesse demonstraram pela atividade política em virtude do seu isolamento e da preocupação com o desbravamento e com o cultivo das terras adquiridas; eram pequenos proprietários, sem grande expressão econômica e muitos deles ainda nascidos na Itália; as preocupações imediatas desses colonos com os afazeres do dia a dia estavam acima de qualquer outra necessidade ou interesse.

Todavia, sentiram logo a necessidade de se organizarem em comunidades, construindo capelas em homenagem ao santo padroeiro e escolas para educação dos filhos. Nesse contexto surgem as primeiras lideranças. As necessidades das comunidades e os interesses de pessoas ou de lideranças comunitárias levaram à formação de alianças, de cunho político, com os donos do poder da região.

Criação do distrito

Os anos se passaram, a população foi crescendo e os interesses pessoais e as necessidades comunitárias foram au-

mentando. As disputas entre as lideranças políticas nacionais e regionais envolveram também as lideranças de Anita Garibaldi. Um dos resultados desse envolvimento foi a elevação de Anita Garibaldi à categoria de distrito através da lei nº 1648 de 3 de outubro de 1929. Todavia, a instalação só se deu no dia 15 de janeiro de 1931 quando o prefeito de Lages, Octávio Silveira Filho, nomeou as primeiras autoridades do novo distrito. Eram eles: Paulino Granzotto, como Intendente Distrital e Theodoro Salmória, como Vice-Intendente Distrital.[12] Foram também empossados Miguel Baby Sobrinho como escrivão de paz, tabelião e oficial do Registro Civil e Maurílio Martins de Godoy na qualidade de Juiz de Paz. O juiz de paz tinha, entre outras atribuições, a tarefa de resolver conflitos entre vizinhos ou outras questões dessa natureza.

As disputas eleitorais que precederam a Revolução de 1930 tiveram também forte ressonância na região de Entre Rios. O próprio Major Aristiliano Ramos empreendeu uma viagem pelo interior com a finalidade de costurar alianças em favor da candidatura de Getúlio Vargas. Diz o documento:

> *Cerro Negro* [distrito que naquela época englobava as regiões de Anita Garibaldi e Celso Ramos] *é região de tradicional oposição ao poder municipal. Mesmo assim, Aristiliano Ramos conseguiu adesão às forças liberais (os aliancistas pró-Getúlio): Octacílio Couto, Paulino Granzotto, João Pacheco de Andrade, Henrique Varella Ramos, Estanislau Nicolau Conrado, Eduardo Salmória, Antônio Fernando de Castilhos. Eles organizaram um Comitê de Apoio à candidatura de Getúlio, comunicando por telegrama o candidato.*
> *Getúlio respondeu a mensagem enviando um outro telegrama: "Aos srs. Octacilio Couto, Presidente, Paulino Granzotto, Presidente de Honra e demais membros da diretoria do Comitê*

12 Resolução n. 4. Prefeitura Municipal de Lages. Jornal "A Época", nº 131. Lages (SC), 17 dez. 1930.

Liberal Cerro Negro – Lages. Porto Alegre, 30 de setembro de 1929. Acusando recebimento vosso telegrama ontem relativo fundação esse comitê tenho prazer enviar-vos meus agradecimentos pela acertada iniciativa que muito me penhora. Saudações cordiais. Getúlio Vargas.[13]

Este envolvimento político trouxe alguns benefícios para a região. No mesmo ano já se iniciavam os trabalhos de construção do trecho da estrada que ainda faltava para completar a ligação entre Cerro Negro e Anita Garibaldi. Em relatório apresentado ao interventor Federal no Estado de Santa Catarina pelo Prefeito Provisório de Lages, Octavio Silveira Filho, em 24 de outubro de 1931 encontra-se o seguinte registro:

Para a ligação desta cidade ao distrito de Anita Garibaldi, única colônia do município, faltava construir um trecho de estrada de rodagem de cerca de 18 km, entre o rio dos Portões e Casa Nova, pelo que a Prefeitura iniciou os respectivos trabalhos, sob a administração do Sr. Paulino Granzotto, dedicado Intendente daquele distrito.[14]

Ao ser instalado o distrito em 1931, foi também nomeado o intendente, cuja função era a de zelar pela aplicação dos recursos públicos na região bem como cobrar da população os impostos e os tributos devidos. Para haver maior controle sobre a circulação de bens, foi criado na localidade da atual Vila Petry, um Posto de Fronteira que emitia guias para recolhimento de tributos de mercadorias e de animais com destino ao Rio Grande do Sul.

Emancipação

A partir de 1945, sobretudo nas décadas de 1950 e 1960, instalaram-se em Anita Garibaldi dezenas de madeireiras que

13 Jornal "A Época", nº 163. Lages (SC), 08 out. 1929.
14 Jornal "A Época", nº 233. Lages (SC), 12 jan. 1932.

desencadearam um aparente desenvolvimento econômico. A população aumentou consideravelmente, pois as madeireiras necessitavam de muita mão de obra para a extração, o beneficiamento e o transporte de madeira. Em poucos anos evidenciaram-se grandes contrastes econômicos e sociais. De um lado, acumulação de capitais com a exploração da araucária, cuja riqueza não era reinvestida na própria região; de outro, os problemas sociais junto à massa operária fadada a sobreviver com um minguado salário, sem qualquer tipo de seguridade ou assistência médica ou social. Esta situação se agravou quando terminou o ciclo da madeira e muitas madeireiras foram embora deixando para trás um grande contingente de desempregados. Neste cenário econômico e social surge em 1956, pela primeira vez, a proposta de criação do município. A imprensa noticiou o fato nos seguintes termos:

> *O sr. Miguel Baby Sobrinho, vereador pessedista, apresentou à consideração da Câmara Municipal, um projeto de resolução criando o município de Anita Garibaldi, abrangendo o distrito desse nome e o de Cerro Negro. A iniciativa do sr. Miguel Baby Sobrinho repercutiu de maneira intensa nos setores políticos locais provocando mesmo uma reunião dos líderes pessedistas e trabalhistas que, em comum, assentavam auscultar os diretórios partidários dos respectivos distritos, o que será feito possivelmente ainda este mês.*[15]

As tramitações tiveram prosseguimento, levando para esta finalidade, ao estabelecimento de uma aliança entre os líderes dos dois partidos tradicionalmente rivais. Visava-se, com a criação do município, tirar a região do isolamento tanto no que diz respeito às vias de comunicação como também às escolas, à saúde e ao desenvolvimento econômico em geral.

[15] Jornal “Correio Lageano”. Nº 66. Data: 18 ago. 1956.

A imprensa noticiou o desenrolar dos acontecimentos. Diz o "Correio Lageano" em 3 de junho de 1961:

> *Câmara Municipal de Lages aprovou projeto para criação dos Municípios de Anita Garibaldi e Campo Belo do Sul.*
> *Aguarda-se apenas a aprovação da Assembléia Legislativa para a confirmação da criação dos dois novos municípios.*
> *Anita Garibaldi será composta por sua sede, o distrito de Celso Ramos e parte de Cerro Negro.*[16]

Em 17 de julho de 1961 o então governador Celso Ramos sancionou a lei criando o município de Anita Garibaldi. Sua instalação deu-se a 4 de dezembro de 1961 com a tomada de posse do primeiro prefeito, Amaury Goulart, que exerceu o cargo até fevereiro de 1963, quando ocorreram as primeiras eleições no município.



Anita Garibaldi, no ano da emancipação.
Acervo de Osvaldo Padilha. Data: 20 fev. 1961.

[16] Jornal "Correio Lageano". Data: 03 de junho de 1961.

A criação do município não representou um milagre para a solução dos problemas e desafios que havia para superar. Pelo contrário. Não havia infraestrutura pronta para a instalação dos órgãos municipais. Havia apenas "Uma Intendência do Município de Lages em uma sala de 3 x 3m cedida graciosamente por Euclides Granzotto, arquivos de contribuintes, uma mesa e três cadeiras. [...] O Município de Lages cedeu seus créditos de contribuintes em débito de Cr$ 8.350,00, em Anita Garibaldi."[17] A prefeitura funcionou por muitos anos em prédio alugado. A criação do município acarretou também a criação de muitos cargos e empregos e os recursos arrecadados eram escassos. Como a maioria dos municípios do interior, Anita Garibaldi contava com pequena fonte de renda própria e sua sobrevivência financeira era possível graças ao fundo de participação dos municípios. Todavia, algumas melhorias foram acontecendo através de convênios com órgãos estaduais e federais ou de financiamentos com recursos a fundo perdido. Também o governo do Estado estendeu uma série de benefícios para os municípios do interior com os quais Anita Garibaldi se beneficiou, tais como eletrificação, telefonia, postos de saúde, escolas e estradas.

Com a construção das hidrelétricas de Barra Grande, Campos Novos e Machadinho, o município de Anita Garibaldi passou a receber mensalmente um significativo montante em *royalties* cujo valor, no entanto, não é constante, pois depende da quantidade de energia gerada pelas empresas.

Durante os 50 anos de município, Anita Garibaldi teve os seguintes prefeitos:

1. Amaury Goulart (04.12.1961 – 02.1963
2. José Pereira Neves (1963 – 1968)
3. Osvaldino José Baby (1969 – 1972)

---

[17] GOULART, Maury. Entrevista concedida ao jornal "Correio dos Lagos" em 21 de outubro de 2010.

4. Isidoro Marin (1973 – 1976)
5. José Pereira Neves (1977 – 1982)
6. Antônio Andrade de Mattos (1983 – 1988)
7. Isidoro Marin (1989 – 1992)
8. Antônio Andrade de Mattos (1993 – 1996)
9. Rui Cândido Duarte (1997 – 2000)
10. Roberto Marin (2001 – 2004)
11. Rui Cândido Duarte (2005 – 2008)
12. Roberto Marin (2009 – 2012)
13. Ivonir Fernandes da Silva (2013 – 2016)
14. João Cidinei da Silva (2017 – 2020; 2021 – 2024).

Observe-se que cinco prefeitos exerceram dois mandatos.



Anita Garibaldi. Ano do cinquentenário.
Acervo: Jornal "Correio dos Lagos". Data: 05 ago. 2011.

[2]

O município de Anita Garibaldi

Coordenadas geográficas

O município de Anita Garibaldi localiza-se no planalto serrano, na região conhecida como "Entre Rios", pois situa-se na confluência de dois grandes rios, o Pelotas e o Canoas. Com a construção das hidrelétricas de Barra Grande no rio Pelotas e a de Campos Novos no rio Canoas, o município é banhado em duas de suas extremidades sul e norte pelos lagos das respectivas represas.

Quando foi criado, em 1961, o município contava com uma área de 835.5 km². Com a criação do município de Celso Ramos em 1989 cujo território foi desmembrado do de Anita Garibaldi, a área ficou reduzida para 588,612 km². Tem como pólo de referência a cidade de Lages, distante 106 km.

Os municípios vizinhos são:

– Ao norte: Abdon Batista e Campos Novos;
– Ao sul: o Estado do Rio Grande do Sul;
– A leste: Cerro Negro
– A oeste: Celso Ramos.

O município conta com um distrito, o de Lagoa da Estiva, situado a meio caminho entre a cidade de Anita Garibaldi e o município de Cerro Negro, junto à rodovia asfaltada SC-390.



Município de Anita Garibaldi. Acervo: Secretaria de Estado do Planejamento. Diretoria de Estatística e Cartografia.

A Natureza

No planalto serrano predominam terras planas, onduladas e montanhosas, fortemente dissecadas, de formação basáltica, cujo solo possui baixa e média fertilidade. Em algumas extensões, por causa da presença de lajes de pedra, o solo é de pouca espessura e, por isso, de baixa fertilidade. Em Anita Garibaldi a configuração do relevo foge, em parte, das características gerais das terras do planalto porque o município se situa entre dois grandes rios que formam profundos vales cujas encostas são bastante acidentadas. O mesmo ocorre com os lajeados que deságuam naqueles rios que, desde as nascentes até a desembocadura, sofrem acentuado desnível, formando muitas quedas d’água e vales com encostas íngremes. Nas regiões mais altas do município as terras são onduladas e o solo é menos fértil, ao passo que nas encostas dos vales ou nas baixadas onde os lajeados desembocam no Canoas e no Pelotas, o solo é bem mais fértil.



Paisagem rural no vale do rio Canoas. Comunidade do Rosário,
Ano: 2011. Acervo do autor.

Por causa da altitude, cuja média é de 885 metros acima do nível do mar, mas que nos pontos mais altos chega a 1.070, o clima apresenta invernos frios com geadas significativas. No verão a temperatura pode chegar a graus bastante elevados, mas as noites costumam ser frescas.



Neve em Anita Garibaldi. Inverno de 1965.
Acervo: EEB Padre Antônio Vieira.

Fundamental para qualquer economia, e para a vida humana em geral, é a disponibilidade de água. Não se verifica em Anita Garibaldi uma estação seca ou chuvosa, o que permite com que o lençol freático seja abastecido regularmente. No entanto, como em muitos lugares predominam as lajes de pedra e o solo apresenta pouca profundidade para armazenar água, há o risco de sua falta, sobretudo por causa dos desmatamentos. O município é banhado pelas bacias dos rios Canoas e Pelotas os quais, com a construção das barragens de Campos Novos e de Barra Grande, formaram grandes lagos, um na extremidade norte do município e o outro na extremidade sul. Estes dois rios caudalosos contam com inúmeros afluentes de pequeno e médio porte, ao longo dos quais havia no passado muitas atafonas, engenhos de farinha, serrarias e algumas hidrelétricas de pequeno porte. É significativo que a maioria dos rios e córregos são denominados lajeados, pois o leito não é de areia mas de pedra. Entre os rios que formam o sistema hidrográfico de Anita Garibaldi podemos citar, entre outros, aqueles que desembocam no rio Canoas – o lajeado Antunes que atravessa a cidade de Anita Garibaldi, o lajeado da Divisa e o lajeado das Chaves – e os que deságuam no Pelotas – o lajeado do Rincão e o lajeado dos Portões, este último o rio mais volumoso do município.



Queda d'água, no lajeado Antunes.
Acervo: Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Turismo.

A população

Na formação da população do município, Anita Garibaldi contou com três grupos étnicos: o índio, o negro e o branco.

As escavações arqueológicas, realizadas nas localidades atingidas pelos lagos das barragens de Barra Grande e de Campos Novos, indicam a presença multimilenar do indígena. A região de Entre Rios era um atrativos para os silvícolas, pois na exuberante floresta junto aos dois grandes rios e seus afluentes havia abundância de recursos alimentares para sobrevivência, principalmente de animais e de aves que, na época do pinhão maduro, eram atraídos para a semente da araucária. Como em outras regiões do país, também em Anita Garibaldi, o indígena foi gradativamente extinto, seja pela expulsão ou pelo extermínio. Todavia, deixaram indeléveis traços fenotípicos na sociedade, graças à miscigenação com o negro e o branco. Também são perceptíveis traços de crenças e de costumes quando se analisa minuciosamente a cultura popular. Ainda existem alguns indivíduos representativos deste grupo étnico, mas que não se reconhecem mais como indígenas.



Sebastião Souza, considerado descendente de índio.
Acervo: Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Turismo.

Há também em Anita Garibaldi um percentual, ainda que pequeno, de negros descendentes de escravos que trabalhavam nas fazendas de gado. A documentação registra que a maioria dos fazendeiros tinha alguns escravos e que após a libertação, permaneceram como rendeiros ou peões nas respectivas fazendas. Além deles, apareceram outros negros em data mais recente, mas dos quais não se sabe a origem. São conhecidos como pica-paus e quenianos e se concentram principalmente na comunidade Vila Aliança. Com o passar dos anos aconteceu um significativo processo de miscigenação entre índios, negros e brancos. Esta realidade é claramente perceptível observando-se os traços físicos das pessoas que caminham pelas ruas de Anita Garibaldi ou pelo interior do município. A multiplicidade étnica na formação da população confere ao município uma grande riqueza de diversidade cultural a ser estudada, preservada e cultivada.

A presença do elemento branco se deu num primeiro momento através dos trabalhadores das fazendas, cujos proprietários eram, em sua maioria, luso-brasileiros que acompanhavam os conquistadores paulistas que ocuparam o planalto serrano. Estes peões e empregados eram também chamados de caboclos, pois, em virtude do isolamento ou pela miscigenação com índios ou negros, adquiriram características culturais e fenotípicas específicas que os distinguem dos demais povoadores da região.



José Varela da Silva
e Maria Emília da Silva.

Em 1900, com a fundação da colônia Anita Garibaldi pelo fazendeiro José Maria Antunes Ramos, ocorreu um considerável afluxo de imigrantes de origem italiana. Este elemento étnico, embora numericamente inferior, apresentou desde o início maior poder econômico e maior influência política.

> *É importante reter que este contato* [entre brasileiros e italianos] *colocou em confronto não apenas dois modos de vida distintos, mas, sobretudo, provocou uma disputa por território, entre dois segmentos de pequenos produtores rurais que tinham na terra seu principal meio de produção. Suas diferentes maneiras de acesso a ela – os brasileiros principalmente como posseiros e os italianos como proprietários – colocou os primeiros em desvantagem, como se fossem intrusos nas terras que ocupavam há muito tempo, uma vez que a legalidade da propriedade jurídica da terra deu a legitimidade à fixação dos italianos.*
>
> [os imigrantes italianos] *chegaram especialmente imbuídos da ideologia do pioneirismo, que os transformava em desbravadores, agentes de civilização e progresso, através de sua dedicação ao trabalho.*[1]

Ao longo dos anos ocorreu um gradativo processo de interação cultural decorrente da convivência entre os vários grupos étnicos. Apesar da perda parcial de sua identidade primitiva, não passa despercebido ao observador atento que os descendentes de imigrantes italianos reconhecem a existência de diferenças étnicas e culturais. "Embora exista uma convivência comunitária entre os dois grupos, sem relacionamentos marcados por conflitos explícitos, todavia o estranhamento mútuo não deixa de ocorrer, sendo marcado por restrições em certas

---

1 BLOEMER, Neusa Maria Sens. *Brava gente brasileira: migrantes italianos e caboclos nos Campos de Lages*. Florianópolis: Cidade Futura, 2000. p. 240.

relações sociais locais. Os casamentos e o compadrio interétnico são, especialmente por parte dos italianos, indesejados."[2]



Hilário Salmória, descendente de italiano.

Encontra-se também representada, ainda que em menor escala, a etnia alemã. São pouco mais de uma dezena de famílias que, em sua maioria, mora na cidade e se dedica ao comércio e os serviços. Para a população local, os 'alemães' são vistos como um grupo diferente, distante dos caboclos e italianos.

Os dados estatísticos revelam que sempre houve um predomínio expressivo de habitantes residindo na área rural. Em 1961, quando foi criado o município, a população de Anita Garibaldi era de 18.486 habitantes. Mais tarde, com a criação

2 Idem, ibidem. p. 242.

do município de Celso Ramos[3] que teve sua área desmembrada do município de Anita Garibaldi, a população diminuiu para 11.247 habitantes. Mas, tal diminuição não se deveu apenas à redução da área do município. Constatou-se também um expressivo movimento migratório para outras cidades, sobretudo após a decadência da extração da madeira. Houve dois êxodos distintos: no primeiro encontram-se pessoas – a maioria jovens agricultores – deslocando-se, em pequena escala, para a sede do município; no segundo, em maior proporção, famílias inteiras migrando para outros centros urbanos, como Lages, Florianópolis, Blumenau, Brusque e Caxias do Sul, à procura de emprego e de melhores condições de vida. O censo de 2000 apontava para Anita Garibaldi uma população de 10.273 habitantes, dos quais 4.163 residiam na área urbana e 6.069 na área rural. Já no censo de 2010 o número diminuiu ainda mais, caindo para 8.627 habitantes, sendo 4.072 na área rural e 4.555 na área urbana, com a população urbana agora levemente superior à rural. Essa inversão se deve à construção das barragens cujos lagos inundaram várias áreas apropriadas para agricultura, e também ao aquecimento da economia da cidade de Anita Garibaldi decorrente da instalação da base de operações da construção da barragem de Barra Grande. Isso fez com que surgissem na cidade inúmeros serviços e a consequente criação de muitos empregos preenchidos por pessoas que até então moravam no interior e que, após o término da obra, não retornaram ao lugar de origem.

3 O município de Celso Ramos foi criado em 26 de abril de 1989. Sua instalação se deu em 01 de janeiro de 1990.

Distrito e localidades

Anita Garibaldi conta com um distrito, o de Lagoa da Estiva. É uma localidade muito antiga. Segundo a tradição oral, o nome está relacionado a banhados e lagoas ali existentes. Para evitar que animais e pessoas atolassem, construíram um estivado, ou seja, uma espécie de ponte de xaxim para facilitar a passagem aos tropeiros e às pessoas que se dirigiam para outros lugares.

Por volta de 1910 teriam se fixado nessa localidade os primeiros moradores. De acordo com a tradição oral, o primeiro morador foi Arzemiro Alves de Moura, casado com Idalina Pinheiro. Pouco mais tarde teria se estabelecido ali também Teodoro Alves de Moura, irmão de Arzemiro. No livro de registro da capela Senhor Bom Jesus de Lagoa da Estiva constam também os nomes das famílias Mendes, Alves de Barros, Pereira Fermiano, Oliveira, Motta, Zardo e Vingla, entre outras.

Em Lagoa da Estiva e áreas circunvizinhas havia grande abundância de araucária. A partir de 1950 começou a exploração desta madeira em larga escala e várias madeireiras montaram serras fitas na região. Entre elas estão as serrarias: Golin, Queimada (Ivo Schenkce), Tomazzi, Vino Moura, Valdemar Gueder e Dionísio Manfredi. Estas madeireiras, vindas do Rio Grande do Sul, trouxeram muitos operários, mas contrataram também trabalhadores oriundos de outras regiões. A população cresceu muito e a exploração da madeira promoveu um aparente progresso. Trabalhava-se muito. Trabalhava-se ao ritmo das máquinas. As sirenes das serrarias ditavam as horas do dia. O transporte da madeira fez aumentar o movimento nas estradas. Foram abertas vendas com toda a sorte de mercadorias e novos moradores se estabeleceram na localidade. Lagoa da Estiva transformou-se num centro de convergência da região.

Mas a euforia do progresso não teve longa duração. A floresta foi devastada e a madeira acabou. Gradativamente, as serras fitas encerraram suas atividades e com isso veio o desemprego. Sem meios de sobrevivência, muitas famílias tomaram outros rumos, estabelecendo-se na periferia de centros urbanos, sobretudo em Lages.

Em 1961 foi criado o município de Anita Garibaldi. Alguns anos mais tarde, em 1965, Lagoa da Estiva passou à condição de distrito, o único do município.

Em Lagoa da Estiva existe uma Escola de Ensino Básico estadual, uma capela, um posto de saúde, algumas casas de comércio e pouco mais de uma dezena de residências distribuídas ao longo de cinco ruas. É uma região de agricultura com destaque para o feijão e para o milho. Está situado num dos pontos mais altos do município, distando 15 km da sede do município, junto à rodovia SC-390, que liga Anita Garibaldi à BR 116.



Lagoa da Estiva. 7 abr. 2011. Acervo do autor.

Além do distrito de Lagoa da Estiva, o município conta com outras 35 localidades: Santo Antônio do Rincão, São Sebastião, Raia do Soita, São Paulo da Raia, Vargem Quente, São Mateus, São Pedro da Barra do Tigre, São João do Rosário, Santa Isabel, Marmeleiro, Pinheirinho, Cachoerinha, Nossa Senhora de Lurdes, Fazenda dos Vicos, Flor Azul, Coral, São José, Boa Vista, Carijos[4], Arrozal, Barro Preto, Santa Ana, Santa Terezinha, Vila Petry, Santo Anjo, São Roque, Freguesia dos Domingos, São Vicente, Atafona, Santa Rita de Cássia, Divino Espírito Santo, Rosário, Vila Aliança, Fazenda das Oitocentas e Sagrado Coração de Jesus.

Nestas localidades há, via de regra, uma capela e, até recentemente, uma escola. Com a municipalização do ensino, muitas escolas foram desativadas e os alunos foram transferidos para escolas situadas em localidades maiores. Os nomes indicam a origem luso-brasileira dessas localidades e muitas delas estão relacionadas à devoção de algum santo. Em algumas comunidades há cemitério e também local para atividades de lazer, principalmente raias para corrida de cavalos e cancha para a prática do laço de animais.

[4] Carijo, plural carijos, significa "armação de varas, onde se colocam os ramos de erva-mate para crestá-los ao calor do fogo". Como havia na região significativa produção artesanal de erva-mate, foi dado à localidade o nome de Carijos.

[3]

Produção e consumo

Para compreender a realidade econômica do município de Anita Garibaldi é necessário tomar em consideração dois aspectos. Primeiro, o aspecto geofísico, isto é, o relevo, o clima, a vegetação e o solo, já analisados no capítulo anterior. Segundo, a população que ao longo do tempo ali se radicou. Sem nos referir ao elemento indígena que vivia da agricultura e do extrativismo, há o elemento luso-brasileiro com sua tradição específica de lidar com o gado e a lavoura de subsistência, e o imigrante, principalmente o italiano, com seus métodos tradicionais de trabalho e de cultivo da terra em pequena propriedade.

A parcela maior da população de Anita Garibaldi que reside no campo dedica-se à atividade agrícola e dela retira seu sustento. Na estrutura fundiária predomina a pequena propriedade com área de 10 a 100 hectares. Os dados estatísticos indicam que na década de 1980, com o crescente êxodo rural, decaiu também a área cultivada e, consequentemente, o volume da produção agrícola. Esta situação, no entanto, se reverteu graças a adoção de novas técnicas agrícolas.

A população urbana, que já representa mais de cinquenta por cento da população do município, dedica-se principalmente ao comércio e à prestação de serviços. Há apenas três indústrias de pequeno para médio porte. São fábricas de cortinas.

Comércio e serviços

O desenvolvimento do comércio e dos serviços em Anita Garibaldi apresenta três períodos marcantes: a) a imigração italiana, b) as madeireiras e a exploração da araucária, c) a construção das hidrelétricas.

Até o fim do século XIX, a região contava com poucos moradores que viviam dispersos nas fazendas onde a população predominante era constituída de peões, agregados e alguns escravos ou libertos. Seu poder aquisitivo era baixo, pois não recebiam pagamento em dinheiro pelos serviços prestados. A economia era de subsistência e os serviçais viviam na dependência dos fazendeiros que abasteciam a criadagem com os gêneros de primeira necessidade como roupa, utensílios e ferramentas. Além da moradia, do vestuário e da alimentação, as necessidades eram mínimas, pois era quase nulo o contato com o mundo exterior.

a) Com a fundação da colônia e a venda dos lotes a imigrantes italianos, houve uma maior concentração populacional e novas necessidades começaram a surgir. Os colonos italianos eram autônomos, tinha familiaridade com o dinheiro e eram portadores de uma cultura com maior diversidade de exigências. Além disso, trabalhavam em sua propriedade com a família para o consumo próprio, vendendo o excedente da produção. Neste contexto, Paulino Granzotto, um dos pioneiros imigrantes, teria fundado em 1905 uma venda na sede da colônia. Admite-se que foi a primeira casa comercial em Anita Garibaldi.[1] É notória a importância das vendas nas colônias. Não eram mera-

---

[1] Documentos afirmam que, além da casa de comércio de Paulino Granzotto, havia outra venda da qual, no entanto, não foi possível saber o nome do proprietário.

mente estabelecimentos comerciais onde o colono vendia o que produzia e comprava o que necessitava, mas também ponto de encontro das pessoas da região. Era na venda que se ficava sabendo das últimas notícias do mundo exterior, pois as distâncias eram grandes e o deslocamento difícil. O vendeiro levava e trazia não só mercadorias, mas também notícias, recados, correspondências e tudo o mais. A venda era lugar de referência na comunidade.

A grande dificuldade era o escoamento do excedente da produção, pois o trajeto de mais de 100 quilômetros até Lages era feito a cavalo e as mercadorias transportadas em lombo de animais. Embora a distância até Curitibanos fosse menor, havia a dificuldade de transpor o grande rio Canoas, o que se constituía em obstáculo para levar os produtos até àquela cidade. Além disso, Curitibanos era um centro consumidor menos expressivo, ao passo que em Lages a demanda era maior pois os comerciantes desta cidade negociavam seus produtos com os consumidores do litoral, principalmente Palhoça, São José e Florianópolis. Imagens da época mostram caravanas de cavaleiros e muares com bruacas transportando de tudo o que os colonos produziam: queijo, carne seca, banha de porco, fumo em corda e grãos. Na volta trazia-se sal, querosene para iluminação, tecidos em metro, panelas e outros produtos para satisfazer as necessidades dos colonos. No âmbito da colônia surgiram também artesãos como ferreiros, seleiros, marceneiros e outras profissões prestadoras de serviços.

b) A partir de 1950 a economia anitense entrou em nova fase com a instalação das madeireiras. Os donos das serrarias trouxeram operários experientes em lidar com madeira e outros trabalhadores foram contratados entre a população local. Os empregados recebiam salário mensal com o qual

compravam o necessário para a subsistência. Se até então o colono criava seus animais e plantava de tudo para se manter, e vendia o excedente da produção para conseguir algum dinheiro, passou então a receber um salário com o qual teria que viver. Com a instalação das madeireiras verificou-se um grande aumento na circulação de dinheiro que aqueceu o comércio. Também junto às serrarias do interior surgiram algumas vendas para atender às necessidades dos trabalhadores braçais e de suas famílias. O transporte das mercadorias, tanto as de escoamento como as de importação, entrou em nova fase. Desde meados de 1932, Anita Garibaldi passou a contar com estrada de rodagem. Embora aberta ao tráfego, a rodovia nem sempre se encontrava em bom estado de trânsito e, não raro, as madeireiras se encarregavam da manutenção, pois necessitavam da estrada para transportar seu produto ao mercado consumidor. Os comerciantes puderam também usufruir das melhorias do sistema viário para escoar suas mercadorias, então não mais em lombo de animal, mas em caminhão ou em outro veículo.

Mas a exploração da madeira não teve longa duração. As reservas de araucária acabaram e as madeireiras entraram em decadência provocando desemprego. A maior delas foi destruída pelas chamas de um incêndio. O comércio e os demais serviços sofreram com a falta de dinheiro, antes pago aos operários.

c) Fenômeno semelhante ao anterior ocorreu meio século mais tarde quando foi construída a hidrelétrica de Barra Grande (BAESA) que instalou sua sede de operações em Anita Garibaldi. O grande contingente de técnicos e de operários aqueceu o comércio e os serviços da cidade. A primeira grande demanda foi por alojamentos em hotéis, pensões e residências particulares para abrigar as centenas

de trabalhadores da empresa. Além disso, foram abertas novas lojas, mercados, bares, restaurantes, farmácias, oficinas mecânicas, postos de combustível, etc. O sistema viário passou por melhorias com a construção da rodovia asfaltada ligando a cidade de Anita Garibaldi ao canteiro de obras da barragem no Rio Pelotas, na divisa com o Rio Grande do Sul. Muitos moradores do interior mudaram-se para a cidade a fim de trabalhar no comércio ou em outros serviços.

Todavia, o afluxo de grande número de funcionários e operários construtores da barragem se fez sentir não só no setor estritamente econômico. Provenientes das mais diferentes regiões do país e, graças à sua prolongada presença na cidade, sobretudo nos fins de semana, esses trabalhadores exerceram considerável influência nos hábitos e costumes da população. No início eram vistos com desconfiança quando não acusados de introduzir costumes suspeitos, podendo, inclusive, representar um perigo para a estabilidade moral e social. Porém, com o passar do tempo, a visão negativa foi amenizando a ponto de a maioria da população reconhecer que sua presença contribuiu não só para o fortalecimento do comércio e de serviços, mas também na modernização da vida urbana em geral.

Há que se registrar, que Anita Garibaldi, pela sua estrutura econômica, social e cultural, tornou-se pólo de uma microrregião, merecendo assim o título de “capital catarinense dos lagos”, título este conferido ao município pela Assembleia Legislativa do Estado, através da Lei Estadual nº 12.471 de 11 de dezembro de 2002.

Agricultura

A principal fonte de renda e meio de subsistência da população rural de Anita Garibaldi é a agricultura. Os produtos mais cultivados são o milho, a soja e o feijão.

O milho vem em primeiro lugar, não só pela quantidade da produção mas também pela importância do uso doméstico, tanto para trato de animais como, e sobretudo, para alimentação humana, sob a forma de pão, de canjica, de polenta e de biju.

A seguir aparece a soja cuja produção vem crescendo anualmente em virtude da rentabilidade enquanto produto de exportação.

Em terceiro lugar está o feijão, que se constitui em importante alimento para a população. Os excedentes de milho e de feijão são vendidos no comércio local e representam importante fonte de renda para o agricultor.

Em menor escala produz-se a batata, o trigo, a mandioca e outros gêneros alimentícios para consumo doméstico. Faz parte da culinária anitense o “revirado” que, originariamente, era um prato feito à base de carne picada, farofa e outros ingredientes que os tropeiros levavam para se alimentar durante a viagem. Com o passar do tempo recebeu outros ingredientes e hoje é apreciado e consumido pela população em geral.

Recentemente a cultura da soja está ganhando espaço em área plantada e em volume de produção, o que se deve à facilidade de mecanização, à alta produtividade por hectare, ao preço atraente e ao fato de o produto não ser tão perecível.

Um dos maiores problemas identificados na produção agrícola diz respeito ao armazenamento. Os produtores são obrigados a vender a mercadoria logo após a colheita por preços aviltados, tendo em vista a impossibilidade de estocar

o produto e a necessidade de saldar os financiamentos. Não há cooperativa agrícola em Anita Garibaldi.



Restos de antiga atafona na localidade de Arrozal.
Em primeiro plano estão as mós de pedra. Acervo: Secretaria da Educação, Cultura e Turismo.

É importante lembrar que para transformar o milho em alimento, existiam até a década de 1980 inúmeras atafonas destinadas à produção da quirera (milho grosseiramente triturado) e da farinha de milho, popularmente conhecida como fubá. Até data bem recente eram utilizadas as quedas d'água como fonte de energia para mover as atafonas. O rio mais importante foi o lajeado Antunes que, da cidade de Anita Garibaldi até sua foz no rio Canoas, sofre um declive de mais de 200 metros, viabilizando a instalação de pelo menos dez atafonas em meados do século XX. O mesmo rio, que leva o nome do fundador da colônia, além de abastecer de água as atafonas, movia também

duas hidrelétricas, das quais uma fornecia energia para a cidade de Anita Garibaldi e dois engenhos de serra que produziam tábuas e vigas para a construção de moradias, paióis e estrebarias. As antigas atafonas com mó de pedra e movidas com força hidráulica foram substituídas por máquinas trituradoras e movidas com energia elétrica.

Ao consumo do milho encontram-se ligadas muitas tradições e hábitos alimentares que, apesar da miscigenação cultural da população, diferem um pouco de uma etnia para outra. No passado, o elemento italiano priorizava o milho para o cozimento de polenta ao passo que o luso-brasileiro o utilizava para cozinhar mingau de canjica e o "prute"[2]. É conhecido e consumido também o biju[3] da farinha de milho que, em outras regiões do país é feito de farinha de mandioca.

Antes da década de 1980, quando ainda não existiam mercados com grande variedade de gêneros, havia vários engenhos de farinha de mandioca no interior do município. Acredita-se que o conhecimento da fabricação da farinha de mandioca tenha sido trazido pelos italianos do Sul de Santa Catarina. Embora o produto fosse consumido em escala menor que a farinha de milho, tinha, no entanto, seu uso generalizado entre a população. Presume-se que a lavoura da mandioca, bem como a fabricação da farinha, não se desenvolveu tanto nessa região em virtude do clima muito frio no inverno, pouco favorável a este tipo de lavoura. O

---

2 Prute é uma espécie de pão de milho. Nas entrevistas realizadas, ninguém soube dizer ao certo como esse termo é grafado. Uns o pronunciam prute, outros brute e outros ainda brote. Seria um termo derivado da palavra alemã Brot (pão)?

3 O biju é feito de farinha de milho azeda. A massa é espalhada em forma de panqueca numa chapa de ferro sobre o fogo. Uma vez cozido, torna-se crocante e quebra-se em pedacinhos.

mesmo se observa com relação à cana-de-açúcar, bastante sensível à geadas. Contudo, existiram alguns engenhos de cana para produção de açúcar e de melado. As áreas mais propícias para o cultivo da mandioca e da cana-de-açúcar são as localizadas no vale do rio Canoas, onde o solo e a temperatura se mostram mais favoráveis para estas culturas.

Os órgãos públicos, empenhados em introduzir novas técnicas na produção agrícola, encontram acentuada resistência para as inovações. Os lavradores, principalmente os luso-brasileiros, preferem ater-se aos métodos tradicionais. O grande êxodo rural verificado a partir de 1970 transferiu para as cidades parte da população jovem, permanecendo no campo a população idosa, menos suscetível às inovações. Por outro lado, boa parte da população campesina não tem recursos financeiros para adquirir as máquinas e os instrumentos para um manuseio mais racional da terra.

Os imigrantes italianos eram conhecedores do cultivo da uva. Trouxeram para Anita Garibaldi essa prática e, segundo depoimentos dos mais idosos, havia, no início da colonização, consideráveis vinhedos. A uva era utilizada na fabricação do vinho, consumido principalmente em dias de festa, mormente nos casamentos.[4] Com o passar dos anos a cultura decaiu bastante, ficando restrita a uma atividade doméstica. Atualmente a prefeitura vem incentivando a retomada do plantio e cultivo da uva e os primeiros resultados são esperançosos em termos de qualidade do produto e de quantidade por área plantada. De acordo com os especialistas, o clima e o solo se mostram favoráveis ao cultivo da uva para produção de vinho. A produção de uvas chega a 228 toneladas por ano e são produzidos mais

4 A tradição oral refere que os principais produtores de vinho eram Sesto Jacó Menegasso, Ângelo Menegasso, Augusto Gracietti, José Zanotto e Geraldo Victor, entre outros.

de 50.000 litros de vinho. O excedente da produção é vendido a granel para indústrias de suco no Vale do Rio do Peixe.[5]



A produção de uva e de vinho: uma alternativa de fonte de renda para muitos agricultores.
Foto: Roberto Viecelli.
Data: 2003.

Pecuária

Desde a chegada dos primeiros povoadores ao planalto serrano, desenvolveu-se na região a criação extensiva de gado bovino, equino e caprino como principal atividade econômica. Em Anita Garibaldi surgiram inúmeras fazendas entremeadas de pequenos proprietários e de posseiros. O gado destinado à venda era conduzido vivo, a pé, pelos tropeiros, para o abate em centros maiores, ou transformado em charque e igualmente comercializado nas cidades. Há, portanto, uma longa tradição de familiaridade com a pecuária na região de Anita Garibaldi.

5 Fonte de informação: Roberto Viecelli, produtor de uva.

Com a instalação dos imigrantes italianos e com a difusão da pequena propriedade, valorizou-se também o gado leiteiro para fins domésticos, especialmente para a fabricação do queijo, comum na tradição italiana, bem como a criação de outros animais como porcos, e aves como galinhas e patos cujas penas eram utilizadas para confecção de cobertas necessárias em época de inverno.

Estudos revelam a resistência à criação de gado leiteiro e, por isso, é reduzida a produção de leite para industrialização. Esta resistência teria relação com a tradição dos rodeios e dos torneios de laço como prática esportiva fortemente enraizada na cultura do povo. Há uma cancha de laço na cidade e pelo menos outras dez pelo interior do município. A prática deste esporte seria um empecilho à produção de leite, pois a criação de gado leiteiro exige a presença contínua do criador para a ordenha, inclusive nos finais de semana, o que dificulta a participação nos torneios.

Um problema recorrente é a baixa produtividade do rebanho bovino criado de maneira extensiva e sem manejo racional da pastagem e com deficiente controle sanitário. A partir da década de 1960 houve uma significativa expansão do rebanho, tanto do gado de corte como do leiteiro. A maioria das famílias do interior tem na criação de gado importante fonte de renda com a venda de animais e de leite, e para o próprio consumo, o leite e seus derivados.

Percebe-se no setor da pecuária grande diferença entre o procedimento das populações de origem italiana e os de origem lusa ou cabocla. Estes nem sempre têm estábulos para recolherem as vacas para tirar o leite e preferem criar o gado solto. Os ítalos têm, quase sempre, os animais confinados em pastos e estábulos, tanto para abrigo em dias de chuva como local para ordenha. Dada a abundância de pedra, principalmente nas regiões que

pendem para os rios Pelotas e Canoas, são vistas com muita frequência as cercas de pedra, chamadas taipas.[6]



Cerca de taipa, com aproximadamente 8 quilômetros de extensão.
Propriedade de José Scarmagnani, na localidade de Arrozal.
Acervo do autor.

Os animais para o abate são vendidos para os frigoríficos. O leite é vendido às empresas de lacticínios, que recolhem o produto com caminhões pipa. A produção de leite tem sido uma importante fonte de renda para a população rural do município. Atualmente a maioria dos produtores de leite já dispõe de ordenha mecânica e refrigerador.

A araucária e as madeireiras

Na década de 1950 teve início, em larga escala, a extração da madeira, principalmente da araucária.[7] Havia grande

6 A propriedade de José Scarmagnani, por exemplo, é toda fechada com taipa. Segundo o proprietário, são 8 quilômetros de cerca. Há um dizer segundo o qual, "gringo (italiano) quando descansa, constrói taipa", ou seja, faz cerca de pedra.

7 Em menor escala, havia também outras espécies de madeira tais como cedro, angico, canela, cabriúva e louro. Estas madeiras, consideradas nobres, são mais raras na região.

abundância desta madeira e a região podia ser considerada uma das últimas grandes reservas de pinhais ainda existente em Santa Catarina. Para os imigrantes, a araucária era, até então, um estorvo para a expansão da agricultura e a sua derrubada e extração eram vistas como benefício e auxílio para o agricultor. No entanto, esta atividade extrativista, que perdurou até por volta de 1970, provocou um impacto muito grande tanto ambiental quanto econômico e social. No período mais intenso da atividade madeireira o município chegou a contar com 35 serras fitas movidas a vapor e, muitas delas, trabalhando noite e dia.[8] Uma década mais tarde, em 1980, contava ainda com dez serrarias e atualmente encontram-se cinco em funcionamento, serrando o pinus elliottis e taeda, planta exótica com a qual foram e continuam sendo reflorestadas grandes áreas. É rara a extração da araucária, pois a espécie está protegida por lei ambiental.

> *Entre 1955 e 1960 havia em toda a região (atual município de Anita Garibaldi e Celso Ramos) mais de 60 serrarias. Os madeireiros eram empresários, de origem italiana, do Rio Grande do Sul. Em Cerro Negro havia um grande depósito. De lá a madeira (tábuas de 5,5 metros) era transportada em caminhões até Itajaí ou Porto Alegre onde era embarcada em navios para exportação. Na época da construção de Brasília, muitíssimos carregamentos foram levados para o canteiro de obras no planalto central do Brasil.*[9]
>
> *A maior serraria chamava-se Novo Sul. Trabalhava noite e dia. Chegou e ter 500 operários. No auge da produção eram*

[8] A madeireira Novo Sul foi a maior empresa desse ramo que se instalou no município. Ela teve seu início com os irmãos Grassi, naturais de Curitiba, que adquiriram 350.000 pinheiros em Anita Garibaldi. Venderam a firma para os irmãos Paese. Mais tarde a firma mudou de razão social passando a chamar-se Novo Sul. Além dessa empresa, havia outras de grande porte como a Golin e a Irmãos Tomazzi.

[9] Há ainda um dizer em Anita Garibaldi, segundo o qual foram eles que construíram Brasília com a madeira de pinho para a caixaria.

serradas 5 mil dúzias de tábuas por mês. Houve ocasiões em que eram carregados até 40 caminhões por dia, cada um com 35 a 40 dúzias."[10]

Graciano Martello, o autor do depoimento acima, foi também testemunha da difícil situação social dos operários e de seus familiares, principalmente no que diz respeito aos problemas de saúde decorrentes de acidentes de trabalho ou de doenças. A maioria dos operários das madeireiras era recrutada entre a população local, principalmente a cabocla. Eles foram também vítimas de um impacto social muito forte, pois, de peões ou meeiros com relativa liberdade quanto à organização do tempo e do trabalho, passaram a trabalhar, não mais ao ritmo da natureza, mas ao ritmo das máquinas; da dependência econômica e social do fazendeiro, passaram à condição de operários e dependentes do salário dos empresários para a sobrevivência.



Uma caldeira abandonada na localidade de Empresa Golin. Último vestígio do período áureo da extração da araucária. Acervo: Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Turismo.

[10] Graciano Martello. Entrevista concedida ao autor no dia 14 de julho de 2003. Graciano Martello havia sido funcionário da empresa "Novo Sul".

Quando a araucária acabou, as madeireiras foram embora deixando para trás um rastro de problemas sociais e ambientais. Muitos operários acompanharam as madeireiras que se instalaram no Paraná e, mais tarde, no Mato Grosso. Outros se deslocaram para a periferia das cidades, principalmente Lages. Alguns permaneceram, sem nada, no local. Do valor extraído da madeira, pouco ou nada foi investido na região onde se encontrava a riqueza dos pinheirais como Celso Ramos, Cerro Negro e Anita Garibaldi.

Como em todo o Planalto Catarinense, a extração desordenada da madeira levou à extinção quase total das araucárias e não houve preocupação com o reflorestamento desta espécie nativa. Mais tarde tiveram início as plantações de pinus (*elliotis* e *taeda*) por empresas madeireiras e por particulares. Esta árvore, no entanto, sendo uma planta exótica, causa danos ao meio ambiente a ponto de se qualificar as áreas reflorestadas de "deserto verde".

Produção artesanal

Além das atividades econômicas tradicionais, são desenvolvidas em Anita Garibaldi outras atividades, tanto no setor produtivo como também nos setores de transformação e de serviços. Oficinas mecânicas, lojas e mercados não apresentam especificidade própria, mas ocupam e empregam grande número de pessoas. Todavia, algumas atividades merecem destaque como o artesanato, desenvolvido na "Casa Lar", e a fabricação de fumo em corda na propriedade de Luiz Martendal, na localidade de Freguesia dos Domingos. A cultura do fumo é de longa tradição e remonta à época anterior à fundação de Anita Garibaldi. O jornal "Região Serrana", ao justificar a fundação da Colônia, já apresentava em 1899 o seguinte argumento:

> *Sabemos que a mesma* [Colônia Anita Garibaldi] *será povoada por colonos de mais nacionalidades,* ***compreendendo também nossos patrícios dedicados especialmente à cultura do fumo****, e que vivendo atualmente como agregados de terrenos, requereram compra de muitos lotes para aí estabelecer-se e desenvolver na mesma colônia tão importante ramo de indústria.*[11] (grifo é nosso)

A fabricação do fumo em corda é uma atividade única, há muito tempo em desuso em qualquer outro lugar.



Fabricação artesanal de fumo em corda – Luiz Martendal.
Localidade: Freguesia dos Domingos, 2011. Foto: Gil Karlos Ferri.

11 Jornal "Região Serrana", nº 129. Data: 12 nov. 1899. *Colônia Garibaldi*.

Energia e eletrificação rural

Com a instalação do município em 1961, a população começou a sentir gradativamente os benefícios do desenvolvimento. Além da agência dos correios, que já existia desde a criação do distrito, foi construída uma usina de energia elétrica, movida à força hidráulica e instalada no lajeado Antunes a poucos quilômetros da sede do município. Quando a usina falhava, a madeireira Novo Sul, sediada na periferia da cidade, supria o fornecimento da energia. A empresa tinha como fonte de energia uma caldeira a vapor que gerava energia para mover a serra fita e, à noite, fornecia energia elétrica para a cidade. Para aquecer a caldeira, o combustível eram os restos das toras de pinho, de canela ou de outras espécies de madeira.



Turbina para gerar energia elétrica. Acervo: Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Turismo.

Para o eficaz desenvolvimento econômico, é fundamental a energia elétrica que traz como benefício não só a iluminação pública e doméstica, mas também possibilita o acesso ao uso de eletrodomésticos como geladeira, micro-ondas, televisor ou então máquinas como trituradores de grãos e picadores de trato. Porém, a grande importância da energia elétrica está no uso industrial para mover máquinas. Para todas essas finalidades era insuficiente, naquela época, a energia produzida em Anita Garibaldi.

Em 1966, a empresa estatal Centrais Elétricas de Santa Catarina (CELESC) estendeu a rede elétrica ao município atendendo, no começo, apenas a população urbana e depois gradativamente também a área rural. Até 2001, mais de uma centena de famílias residentes em locais mais afastados não gozavam dos benefícios da energia elétrica. Dez anos mais tarde, com o projeto "luz para todos", do Governo Federal, todas as propriedades contam com energia, mesmo as mais afastadas, melhorando as condições de vida dos agricultores.

As hidrelétricas

A construção de duas hidrelétricas, a de Barra Grande (BAESA), localizada no rio Pelotas entre os municípios de Anita Garibaldi (SC) e Pinhal da Serra (RS), inaugurada em 2005, e a de Campos Novos (Enercan), localizada no rio Canoas e inaugurada em 2006, causaram grande impacto econômico e socioambiental em Anita Garibaldi.

No período de construção da Usina de Barra Grande houve grande afluxo de operários de diversas regiões do país. Embora o canteiro de obras se localizasse no lado oposto do rio Pelotas, no vizinho Estado do Rio Grande do Sul, todavia, a base de operações tinha sua sede em Anita Garibaldi. Grande número de funcionários residia na cidade, deslocando-se diariamente em ônibus fretado para o canteiro de obras num percurso de 18

km. Com isto, houve considerável aquecimento da economia, sobretudo do comércio urbano. Mesmo com o término das obras e consequente transferência dos operários braçais e da maior parte do pessoal técnico, Anita Garibaldi continuou em pleno e franco desenvolvimento.

A construção da Hidrelétrica de Campos Novos atingiu várias áreas do território de Anita Garibaldi com as águas do lago formado pela represa, e acarretou impactos sem precedentes nas duas comunidades, a de Santa Ana e do Rosário. Porém, afetou em menor escala o município sob o aspecto econômico e social durante o período de construção da barragem, pois a base de operações da construtora se encontrava no município vizinho de Campos Novos.

A instalação das duas hidrelétricas, além do impacto ambiental, teve considerável impacto social. Algumas comunidades atingidas foram parcialmente submersas e seus moradores removidos e reassentados nas novas vilas de Boa Vista, de Quinze de Fevereiro e de Santa Catarina. Muitas famílias, ao serem desapropriadas preferiram receber uma carta de crédito no valor da indenização e tomar outros rumos. Todo o processo de desapropriação e de reassentamento deu-se não sem conflitos. Para muitas famílias, a desapropriação e o consequente abandono da propriedade representaram um desenraizamento econômico e cultural, com forte incidência sobre o emocional. Nos reassentamentos os colonos receberam determinada área de terra com pequena casa de alvenaria e galpão de madeira. A topografia da nova propriedade é bem diferente daquela do local de origem, obrigando os colonos a se acostumarem com novas lavouras e novas técnicas de agricultura, pois no lugar de origem a terra era mais acidentada, porém mais fértil, ao passo que nos reassentamentos a terra é mais plana e menos fértil, exigindo a aplicação de adubos e outras técnicas agrícolas.

Indústrias e empregos

Há, em Anita Garibaldi, três indústrias de pequeno a médio porte. Trata-se das fábricas de cortinas: Bella Janela Indústria de Cortinas Ltda, Cortinas Hasse Ltda e SB Cortinas. Existem também algumas empresas de menor porte, como serrarias, marcenarias e outras, que empregam algumas centenas de trabalhadores.

O maior empregador do município é a Prefeitura Municipal, que conta com aproximadamente 430 pessoas remuneradas entre professores, técnicos, funcionários e cargos comissionados.

[4]

Estrutura viária e comunicações

A maior dificuldade para o desenvolvimento do município foi, ao longo dos anos, o sistema viário deficiente. O terreno acidentado e a falta de material apropriado para a conservação das estradas, como areia e macadame, dificultam a implantação e a manutenção das estradas. Além disso, a região de Entre Rios era a mais afastada do grande município de Lages. Distante mais de 100 quilômetros da cidade de Lages, a região vivia isolada do resto do mundo. Até 1932 Anita Garibaldi não contava com ligação rodoviária. Havia apenas caminhos e trilhas percorridos por cavaleiros ou a pé. Todas as mercadorias eram transportadas em lombo de animal.

Caminhos e estradas

Em 1931, teve início o trabalho de construção dos últimos 18 quilômetros de estrada, como atesta o relatório do prefeito provisório de Lages, Octávio Silveira Filho:

> *Para a ligação desta cidade ao distrito de Anita Garibaldi, única colônia do município, faltava construir um trecho de estrada de rodagem de cerca de 18 quilômetros, entre o rio dos Portões e Casa Nova, pelo que a Prefeitura iniciou os respectivos traba-*

lhos, sob a administração do Sr. Paulino Granzotto, dedicado Intendente daquele distrito.[1]

No ano seguinte, no dia 12 de junho de 1932, os trabalhos estavam concluídos e a imprensa noticiou a inauguração:

Foi um acontecimento importante a inauguração, a 12 do corrente, da estrada de rodagem ligando as sedes dos distritos de Cerro Negro a Anita Garibaldi.
A sede do distrito de Anita achava-se garridamente ornamentada com arcos de folhagens e bandeiras, colocados com arte e bom gosto.[2]

E a reportagem continuava dizendo que grande massa popular aguardava a comitiva do prefeito Octávio Silveira Filho. Mais de cem cavaleiros, sustentando flâmulas encarnadas, escoltavam a comitiva, debaixo de vivas e aclamações. O professor João Bento da Silva saudou os políticos, cantando com as crianças da escola pública o hino do Estado. E a reportagem concluía: "A comitiva teve excelente impressão, não só da estrada como da fidalga acolhida da operosa população de Anita Garibaldi, que será o futuro celeiro do nosso município." O jornal fez questão de mencionar o nome de José Sebastião Maia, que supervisionou a construção da estrada com uma extensão de 18 quilômetros e com a largura de cinco metros.

A estrada, embora inaugurada, não recebeu a devida manutenção e teve que ser reconstruída, como noticiou o jornal "Correio Lageano" em 1940.

A estrada de Anita Garibaldi, com 56.560 ms. de extensão, que custou 1.295:376$000 inclusive a reconstrução entre Lages e Anita Garibaldi; é uma rodovia de grande importância econô-

---

1 Jornal "A Época". Nº 233, 12 jan. 1932. Relatório de 24 de outubro de 1931.

2 Jornal "A Época". Nº 251, 29 jun. 1932. *Inauguração da estrada de rodagem* – Cerro Negro, Anita Garibaldi.

mica, que vem abrir novos rumos para o progresso do nosso município.[3]

Os problemas de comunicação entre Anita Garibaldi e Lages continuaram, pois a estrada exigia manutenção constante, principalmente em época de chuva, o que nem sempre ocorreu. Mais tarde, nas décadas de 1950 e 1960, as madeireiras se encarregaram parcialmente da manutenção em vista da necessidade de transporte de seus produtos.

Estradas e rodovias

Atualmente, a principal via de comunicação que dá acesso ao município é a rodovia SC-390, estabelecendo a ligação com Campo Belo do Sul e, de lá, até a BR-116. Esta ligação rodoviária, cujas obras de asfaltamento foram concluídas no início de 2004, representou um grande benefício para a população e uma nova fase de progresso para o município.



SC-390. Rodovia Izidoro Marin, ligando Anita Garibaldi à BR 116.
Acervo do autor.

[3] Jornal "Correio Lageano". Nº 60, 07 dez. 1940.

Graças à construção da hidrelétrica Barra Grande (BAESA), no rio Pelotas, a estrada que liga a sede do município até a represa encontra-se também asfaltada. A travessia para o vizinho Estado do Rio Grande do Sul é feita sobre a represa, numa extensão de 665 metros e a 198 metros de altura.

Há outra rodovia parcialmente asfaltada e com bastante tráfego ligando Anita Garibaldi aos municípios vizinhos de Abdon Batista e Campos Novos. Para alcançar o município de Abdon Batista é necessário transpor o lago da hidrelétrica Campos Novos (ENERCAN), cuja travessia é feita de balsa – o trajeto mais curto – ou então, por uma ponte alguns quilômetros rio acima.

As estradas do interior foram construídas, em sua maioria, pelos madeireiros para o transporte das toras até as serras fitas. Sua manutenção era precária e eram praticamente intransitáveis em dias de chuva. Com o fim do ciclo da madeira, a prefeitura assumiu sua manutenção e construiu outros trechos. Atualmente o município conta com um total de 406 quilômetros de estradas em razoável estado de conservação.

No passado, sem as estradas de rodagem no município, o cavalo era o único meio de locomoção e de transporte. Ainda hoje, apesar da significativa melhoria da rede viária e do uso cada vez mais generalizado de veículos motorizados, tanto de carros como de motocicletas, a população rural quase não mais se serve do cavalo como alternativa de deslocamento e para o transporte de carga. Era muito comum, como mostra a fotografia na página seguinte, o cavaleiro levando consigo, numa mala de pano – o peçuelo – a mercadoria a ser transportada.



João Antunes de Lima, transportando milho para o moinho (Data: 14 jul. 2003).

Antigamente, para transportar um volume maior de mercadorias, o homem do interior se servia do cargueiro[4]. A pessoa andava a pé, puxando o cavalo pelo cabresto, ou então, montado num cavalo e o animal com o cargueiro logo atrás. Essa situação mudou, pois a maioria das famílias dispõe de carro, de motocicleta ou de outro meio de transporte motorizado.



Tradicional cargueiro, cada vez mais raro.

4 O cargueiro consiste numa armação de madeira forrada de palha – cangalha – colocada sobre o lombo do cavalo na qual penduram-se dois cestos retangulares, também conhecidos pelo nome de Jacá, feitos de taquara ou, antigamente, na época dos tropeiros, de couro chamadas bruacas.

Correio, telefone e internet

Com a instalação do município em 1961, a população começou a sentir gradativamente os benefícios do desenvolvimento. Além da agência de correios, que já existia desde a criação do distrito, a cidade de Anita Garibaldi foi contemplada, em 1974, com comunicação telefônica através do sistema de transmissão via rádio e, em 1982, foi instalado o sistema de transmissão por ondas curtas. Gradativamente toda a população urbana passou a contar com esse meio de comunicação. A partir do ano de 2006, com a instalação de torres de transmissão, foi introduzida a comunicação pelo sistema de telefonia celular. A população rural, que em sua maioria não dispõe de telefone convencional, serve-se cada vez mais do sistema de comunicação celular com antenas especiais que captam o sinal das torres.

Desde 2004 a população de Anita Garibaldi tem acesso à internet pelo sistema de Banda Larga, servindo a um número cada vez maior de empresas e de pessoas, tanto na cidade como no interior do município.

[5]

Educação

Até 1900, ano de fundação da Colônia Anita Garibaldi, não existia escola em toda a região de Entre Rios. Os moradores eram poucos e viviam dispersos nas fazendas, o que dificultava o agrupamento de um número suficiente de crianças para abrir uma escola. Além disso, os agregados e peões das fazendas não tinham percepção da importância da educação escolar dos filhos. Apenas os fazendeiros, em virtude do relacionamento mais ou menos frequente com a cidade, tinham interesse e condições de oferecer estudo aos filhos, internando-os em algum colégio. De mais a mais, o poder público estava totalmente ausente nas regiões interioranas do Brasil no que dizia respeito à educação escolar.

Com a fundação da colônia em 29 de agosto de 1900 e o gradativo estabelecimento de famílias de imigrantes italianos vindos do Rio Grande do Sul e do Sul de SC, formaram-se comunidades rurais com uma população mais concentrada. Além disso, os imigrantes eram portadores de uma tradição cultural que, para mantê-la viva, exigia a educação escolar e sentiam a necessidade e a importância da escola como meio de socialização e de educação formal dos filhos. Esta nova realidade criou condições para o surgimento de escolas primárias.

De acordo com a tradição oral, a primeira escola de Anita Garibaldi foi a da comunidade de Santa Ana[1], conhecida como "Escola da Colônia". Segundo depoimentos de moradores mais antigos, o primeiro professor foi um dos imigrantes que recebia em sua casa os filhos dos colonos e os instruía nas primeiras letras. Mais tarde, por volta de 1910, foi criada a escola pública que, no começo, funcionou na capela da comunidade enquanto não havia prédio próprio. A primeira professora dessa escola foi a senhora Maria Pereira de Lima.

Depois da escola de Santa Ana, foi criada a da sede da colônia, na então vila de Anita Garibaldi, onde lecionaram Bradamante Salmória,[2] Alziro Souza, João Bento da Silva e

---

1 Com a construção da Usina Hidroelétrica de Campos Novos a comunidade de Santa Ana desapareceu parcialmente sob as águas do lago da barragem. A antiga capela, de madeira, foi desmontada e reconstruída na cidade de Anita Garibaldi e transformada em Casa da Memória. Uma nova capela foi construída mais acima, fora do alcance das águas do lago. A escola foi desativada e os alunos transferidos para a Escola de Ensino Fundamental "José Borges da Silva", na sede do município.

2 Bradamante Salmória, filha de Agustinho Salmória e Deolinda Silva, nasceu em Caxias do Sul (RS) no dia 11 de março de 1885. Educada em colégio de Irmãs, teve muito cedo despertada a vocação para o magistério. Ainda jovem, iniciou o magistério em 30 de julho de 1901. No início do século XX seus pais se mudaram para Anita Garibaldi, estabelecendo-se na comunidade Santa Ana. Bradamante assumiu a escola recém fundada. Anos mais tarde, quando fundada a Escola Mista Estadual na sede da Colônia Anita Garibaldi, foi nomeada professora da escola.

Dotada de belíssima caligrafia, profunda conhecedora de matemática, falando português com acentuado sotaque italiano, a professora Bradamante ensinava com desembaraço e competência as matérias do Curso Primário.

Em 1929, sofreu triste revés quando foi demitida por ordem do inspetor escolar de Lages, provocando indignação entre os alunos e os pais dos alunos. Com a vitória de Getúlio na Revolução de 1930, muda a cena política da região. Paulino Granzotto foi nomeado Intendente Distrital e criou a Escola Mista Estadual de Casa Nova, designando Bradamante como professora, onde lecionou até se aposentar.

Bradamante era casada com Ângelo Ceroni, com quem teve vários filhos. Faleceu em Lages no dia 3 de maio de 1969. Em 2005 foi ho-



Escola Municipal Colônia, na comunidade de Santa Ana. Professora Maria Francisca Rosa Menegazzo com seus 10 alunos. A escola foi desativada e o lugar ficou submerso pelas águas do lago da usina hidrelétrica Campos Novos (ENERCAN). Acervo do autor.

Augusto Waldrigues, entre outros. Em seguida foi criada a da comunidade de Santo Antônio, na estrada para Celso Ramos, onde lecionou, por muito tempo, o professor Manoel Cirilo da Conceição. Gradativamente, de acordo com as necessidades decorrentes do crescimento populacional, foram criadas outras pelo interior do município, chegando a 75 unidades em 1985. No entanto, estas unidades de ensino foram aos poucos desativadas devido ao reduzido número de alunos decorrente do êxodo rural. Em 2001 havia ainda 32 estabelecimentos de ensino sendo dois estaduais e os demais municipais. Com a implantação do transporte escolar foram criados os Núcleos Municipais em determinadas áreas centrais e as escolas isoladas foram desativadas. Em 2011, ano do cinquentenário do município, havia duas escolas estaduais e seis escolas municipais, para as quais são encaminhadas todas

menageada com o nome do Centro Histórico Cultural Bradamante Salmória.

as crianças do município. Além destas unidades de ensino, existe uma escola de educação infantil na sede do município, com dez unidades distribuídas na periferia da cidade e no interior do município. Há também uma unidade de Ensino de Jovens e Adultos (EJA) e uma unidade da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE).

A nucleação das escolas é um programa de modernização da educação que apresenta inúmeras vantagens entre as quais a de proporcionar maior socialização pela convivência das crianças em ambiente mais diversificado. Possibilita também equipar melhor as unidades de ensino com biblioteca e informática. Graças ao transporte escolar, a criança é levada para a escola e, no final do período, trazida de volta para casa.

Com base no "Projeto Político Pedagógico Escolar", havia em Anita Garibaldi no ano de 2001 as seguintes escolas:[3]

1 Escolas Estaduais

– **Escola de Educação Básica Padre Antônio Vieira**, localizado na sede do município. O Capitão José Maria Antunes Ramos, ao fundar Anita Garibaldi em 1900, trouxe numerosas famílias de origem italiana do Rio Grande do Sul para sua colônia. Não há documentos que comprovam, mas sabe-se que houve preocupação com a educação escolar dos filhos dos imigrantes. Assim, foi criada bem cedo uma escola pública para atender os filhos dos imigrantes e de

[3] Estes dados foram atualizados e complementados por Isolete das Graças Ambrósio Dutra, da Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Turismo.

outros moradores da região. Um dos primeiros professores foi João Bento da Silva, como mostra a foto abaixo.



Primeira Escola Pública de Anita Garibaldi.
Professor João Bento da Silva com seus alunos (data: ± 1930).
Acervo: EEB Padre Antônio Vieira.

Em março de 1948 chegaram a Anita Garibaldi os padres Carlistas para assumir a paróquia de Santa Bárbara. Com a vinda dos religiosos, a educação recebeu grande impulso. Uma das primeiras iniciativas foi a criação de uma Escola Paroquial em 15 de fevereiro de 1955 cuja direção foi confiada às religiosas da Congregação das Irmãs da Divina Providência. Pouco depois, em 19 de abril de 1956, a escola foi unida à escola pública já existente, dando origem à Escola Reunida "Padre Antônio Vieira".

Esta unidade de ensino passou por diversas fases. Assim, em 30 de abril de 1958 a Escola Reunida foi elevada a Grupo Escolar. Em 21 de fevereiro de 1962 foi criado o Curso Normal Regional Santa Maria Goretti e em 18 de junho de 1964 a Ginásio Normal. Em 1971, através da lei 5692, passou a denominar-se Escola Básica "Padre Antônio Vieira". Naquele mesmo ano

passou a funcionar no estabelecimento a Escola Técnica do Comércio sob a direção de Ailton Gomes de Almeida. Em 17 de fevereiro de 1984 foi transformado em Colégio Estadual "Padre Antônio Vieira" quando então as irmãs se afastaram da direção. Por razões de ordem interna da Congregação, o prédio escolar foi vendido ao Estado em 1990. Atualmente a escola denomina-se Escola de Educação Básica "Padre Antônio Vieira".

– **Escola de Ensino Básico "Isidoro Silva",** situada no distrito de Lagoa da Estiva. A escola teve início em 1950, quando foi criada a Escola Isolada Estadual Lagoa da Estiva. A primeira professora foi Osvaldina de Lima, seguida pelo professor Pedro Araújo. Depois destes mestres-escola, vários professores lecionaram nessa unidade de ensino. Em 1978, um professor, com o apoio de seus colegas e da comunidade, tomou a iniciativa de transformar a escola isolada em Escola Básica. A iniciativa contou com o decisivo apoio dos filhos de Isidoro Silva, antigo morador na comunidade. Ele costumava dizer que através do estudo as pessoas teriam um futuro melhor e que a melhor herança que um pai podia deixar aos seus filhos era o estudo. Em homenagem a este homem sábio, trabalhador e influente líder a escola foi denominada "Escola Básica Isidoro Silva".[4] Para

[4] Isidoro Silva nasceu em Biguaçu, Santa Catarina no dia 04 de abril de 1891. Casou no dia 23 de março de 1921com Maria Cândida Chaves (*04/07/1897 – †20/12/1998), natural de Campo Belo do Sul. Morou no começo na margem do rio Canoas onde nasceram os quatro filhos. Quando eles alcançaram a idade escolar, a mãe os levou para Campo Belo do Sul, onde frequentaram a escola, continuando o pai nas margens do Canoas para conseguir os recursos para o sustento da família. No ano de 1940, Isidoro foi trabalhar no DER (Departamento Estadual de Rodagem), como chefe dos turmeiros que abriam as matas para construção de estradas. Foi o responsável pela rodovia que liga Lages a Campos Novos, sob o comando do engenheiro João Pedro Arruda. Terminada a empreitada Isidoro foi residir próximo à localidade de Portões, trabalhando na apicultura e em 1943 fixou residência em Lagoa da Estiva.
Com a instalação das madeireiras em Anita Garibaldi, a localidade de Lagoa da Estiva tornou-se importante lugar de passagem e centro de

a criação da escola básica foi decisiva a participação do então prefeito José Pereira Neves, morador da localidade, doando o terreno. A escola foi criada oficialmente no dia 12 de março de 1980 e a implantação de 5ª à 8ª série aconteceu gradativamente.

Em 3 de junho de 2009 a comunidade foi contemplada com mais um benefício com a criação do segundo grau. Assim, as crianças e os jovens de Lagoa da Estiva e da redondeza não precisam mais deslocar-se para outras escolas para concluir o segundo grau. Os professores realizam um trabalho junto aos alunos e aos pais no sentido de evitar a evasão escolar.

2 Escolas Municipais

– Escola de Ensino Fundamental José Borges da Silva.[5] Localiza-se à rua Evaldo Rogério de Godoy, 87, na cidade de Anita Garibaldi. Foi criada como Escola Básica em 10 de fevereiro de 1999. Dois anos mais tarde, em 20 de setembro de 2001, foi transformada em Escola de Ensino Fundamental. Algumas escolas do interior, as mais próximas da cidade, foram fechadas e os alunos frequentam esta escola atendidos pelo transporte escolar.

– Escola Municipal Arrozal, situada na localidade de São Sebastião do Arrozal. A fundação foi em 28 de agosto de 1947. Tinha este nome por ser, na época de criação, uma região de grande produção de arroz. O primeiro professor foi Indalécio

convergência. Em 1950, Isidoro, juntamente com seus quatro filhos, resolveu abrir uma venda que, rapidamente, se transformou em importante casa comercial onde as pessoas podiam comprar e vender de tudo. Os fregueses sentiam-se bem com a simpatia e a amizade com que eram atendidos por ele e pelos sócios da loja. Quando terminou a extração da madeira, a crise atingiu Lagoa da Estiva e toda a redondeza. Também a "Comercial Irmãos Silva" foi afetada pela crise, encerrando suas atividades. Isidoro Silva faleceu no dia 02 de abril de 1978.

5 José Borges da Silva nasceu no dia 17 de fevereiro de 1907. Era casado com Júlia Granzotto. Faleceu em 2001. Quando foi construída a escola, José Borges da Silva fez a doação do terreno.

Ferreira Leite. A escola foi desativada e os alunos passaram a frequentar a Escola de Ensino Fundamental "José Borges da Silva".

– Escola Municipal Atafona, situada na localidade do mesmo nome, no distrito de Lagoa Estiva. Teve o nome de Atafona porque na região, segundo consta, existia um engenho de farinha de mandioca. A escola foi criada em 28 de agosto de 1954 e a primeira professora foi Amabile Zardo de Almeida. A escola foi desativada e os alunos passaram a frequentar a Escola de Ensino Básico "Isidoro Silva".

– Escola Municipal Barra do Manoel Grande, situada na comunidade São José. Há divergências quanto à data de criação da escola. O primeiro registro de criação é de 17 de maio de 1935. Posteriormente, há o registro de 28 de junho de 1963, quando a escola aparece sob a denominação Escola Isolada Barra do Manoel Grande, Comunidade de São José. A primeira professora teria sido Maria Nunes Assunção Macedo. A escola foi desativada e os alunos passaram a frequentar a Escola Isolada "Bernardo Demertine", na localidade de São Sebastião.

– Escola Municipal Bernardo Demertine, localizada na comunidade de São Sebastião. Segundo fontes orais, teria sido criada no ano de 1946 com o nome de Escola Isolada "Serra dos Pinheiros Ralos". O primeiro professor foi Antônio Ribeiro Pacheco, que lecionou até 1949. Por algum tempo, por falta de alunos, a escola esteve fechada. Em 1958 foi reaberta sob o nome Escola Isolada Bugio. O nome Bugio, associado a esse animal selvagem ainda existente em grande quantidade na região, nunca foi aceito pela comunidade. O nome, no entanto, prevaleceu até 1989 quando a denominação foi alterada para Escola Isolada "Bernardo Demertine" em homenagem ao doador do terreno da atual escola.

– Escola Municipal Boqueirão, localizada na comunidade de Vila Aliança. Sua criação data de 15 de abril de 1953, mas

a instalação só aconteceu em 1957. A primeira professora foi Nair Fonseca. A escola foi desativada e os alunos passaram a frequentar o Núcleo Municipal "Vila Aliança".

– **Núcleo municipal "Vila Aliança"**. Em 1988, os representantes das comunidades de São João do Rosário, Boqueirão e Nossa Senhora do Rosário reuniram-se com o diretor de planejamento da Prefeitura Municipal e montaram um projeto para a construção de um prédio para a Associação Rural destas comunidades. Na tentativa de unir mais as pessoas destas comunidades, foi sugerido o nome da Associação de "Vila Aliança", como se fosse um pacto de paz entre os moradores, pois nessa época havia certas divergências entre as três comunidades. O acordo foi realizado e o projeto enviado para o PA – RURAL em Brasília. A associação foi contemplada com uma verba que, no entanto, não foi suficiente para concluir o prédio. A Prefeitura Municipal entrou então com recursos, concluindo as salas. Em 27 de novembro de 2002 foi oficializada a criação do Núcleo Municipal "Vila Aliança" englobando as escolas das localidades de Nossa Senhora do Rosário, São João do Rosário, Paiol Grande e Boqueirão.

– Escola Municipal Cachoeirinha. Localizada na comunidade do mesmo nome, foi criada dia 15 de março de 1953. O primeiro professor foi Amaro Velasco, que veio de Florianópolis para lecionar na escola. A primitiva escola, por ser de madeira e encontrando-se em péssimas condições, foi substituída por outra, de alvenaria, em 1974. Ultimamente, com a diminuição do número de alunos, apenas uma sala passou a ser utilizada, ficando a outra para uso da capela. A escola foi desativada e os alunos passaram a frequentar a Escola de Ensino Fundamental "José Borges da Silva".

– Escola Municipal Colônia, situada na localidade de Santa Ana. Teria sido fundada em 1910. Localizada em área de colonização italiana, é considerada a primeira escola em Anita Garibaldi. No início um dos colonos imigrantes, cujo nome a tradição

oral não preservou, dava aula em sua própria casa. Mais tarde foi construída uma sala própria para escola e a primeira professora foi Bradamante Salmória que iniciou suas atividades em 1927. A escola foi desativada e os alunos passaram a frequentar a Escola de Ensino Fundamental "José Borges da Silva".

– Escola Municipal Empresa Tomazzi. Recebeu este nome por ser construída em área de terra da empresa "Serraria Irmãos Tomazzi", próxima à serraria. A escola foi construída para atender principalmente as crianças dos empregados da empresa, na época uma das maiores madeireiras do município. Foi criada em 20 de junho de 1962 e o primeiro professor foi Valêncio Hortis. A escola foi desativada e os alunos passaram a frequentar a Escola de Ensino Básico "Isidoro Silva", em Lagoa da Estiva.

– Escola Municipal Erval Grande. Situada na localidade de Santa Isabel. Inicialmente chamava-se Escola Municipal Barra dos Sutil. O nome deveu-se ao grande número de famílias com este sobrenome na região. O primeiro professor foi Antônio Ribeiro Pacheco, que lecionou de 1948 até 1951, quando se transferiu para Lages. Seus sucessores foram Patrocínia Silveira Santos e Idalina Manfredi Zachett. Mais tarde a escola foi desativada e uma nova unidade foi construída, distante dois quilômetros da primeira. A nova escola passou a chamar-se Erval Grande, em virtude da abundância de erva-mate na região. A escola contou sempre com grande número de matrículas, mas por causa do êxodo rural, o número foi caindo drasticamente. A escola foi desativada e os alunos passaram a frequentar a Escola de Ensino Básico "Isidoro Silva", em Lagoa da Estiva.

– Escola Municipal Fazenda das Oitocentas**.** Situada na localidade do mesmo nome. Foi criada em 07 de março de 1969 e funcionava num galpão cedido por Polidório Sutil Oliveira. A primeira professora, Zelci Pazinato, lecionou até 1984. O nome "Fazenda das Oitocentas" se refere à localização da fazenda

distante 800 braças do rio Pelotas. A escola foi desativada e os alunos transferidos para a Escola Isolada “São Paulo”.

– Escola Municipal Fazenda dos Pinheiros. Situada na localidade de Pinheirinho. Seu nome se deve à existência de grande abundância de araucária na região. A escola foi fundada em 1964 após um levantamento sobre crianças sem frequentar a escola, feito por César Pereira de Jesus. As aulas eram dadas numa sala cedida por Leandro Antunes dos Santos. Em 1966 foi construído prédio próprio. A escola servia também como casa de oração até 1975 quando foi construída a capela.

– Escola Municipal Fazenda dos Ribeiros. Localizada na comunidade de Cachoeirinha I, foi fundada em 03 de novembro de 1975 por Francisco José Ribeiro. Na falta de prédio escolar, as aulas eram dadas numa sala cedida pelo fundador da escola. Tem seu nome em homenagem à família Ribeiro, proprietária de grande área de terra na região. O primeiro professor foi Romalino Duarte Varela, substituído mais tarde por Maria Aldaci Martins Paim. A escola foi desativada e os alunos passaram a frequentar a Escola de Ensino Fundamental “José Borges da Silva”.

– Escola Municipal “São Francisco”. Situada na localidade de Encruzilhada Galvão, foi fundada em 03 de março de 1976 por Dimas Francisco Pires dos Santos, que cedeu provisoriamente uma sala de sua casa como sala de aula. A primeira professora foi Lucinda Ramos dos Santos, nora do fundador da escola. Em 1977, Dimas Francisco Pires dos Santos doou o terreno para a construção de prédio próprio. A escola foi desativada e os alunos passaram a frequentar a Escola de Ensino Básico “Isidoro Silva”, em Lagoa da Estiva.

– Escola Municipal “João Batista José de Souza”, localiza-se na comunidade de Vargem Grande e foi criada em 30 de março de 1965. Por decisão da comunidade, a escola recebeu o

nome em homenagem ao fundador João Batista José de Souza. As primeiras professoras foram Maria José de Souza, Patrocínia Silveira Santos e Maria Ferreira Santos. A Escola foi desativada e os alunos frequentam a Escola de Ensino Fundamental "Isidoro Silva", em Lagoa da Estiva.

– Escola Municipal "Lajeado dos Mateus". A escola foi uma iniciativa dos moradores da comunidade, que convidaram Manoel Antônio de Jesus para dar aula. Seu trabalho começou dia 01 de março de 1963 e se estendeu até 1980 quando se aposentou. As aulas eram dadas numa pequena casa desocupada, de propriedade do professor. Por volta de 1970 foi construído prédio próprio, com recursos do Estado. A escola foi desativada e os alunos passaram a frequentar a escola do Núcleo Municipal "Professora Maria Eleci Francisco Correia", localizada em Marmeleiro.

– Escola Municipal Marmeleiro. Criada em 1949, começou a funcionar apenas em 1950. O terreno foi doado por Sebastião Cassemiro dos Santos. O nome da escola está relacionado à árvore que produz o marmelo, existente em quantidade na região. Em 26 de março de 2003 a escola foi transformada em Núcleo Municipal e em 23 de junho de 2004 teve seu nome mudado para Núcleo Municipal "Professora Maria Eleci Francisco Correia".

– Escola Municipal "Nossa Senhora do Rosário". Localizada na comunidade do Rosário, foi criada em 07 de fevereiro de 1957. Registros apontam para a existência de uma escola nessa comunidade desde 1932, quando Manoel Roque Chaves lecionava em sua casa, sem remuneração. Mais tarde tomou posse a professora Afônsia, a primeira contratada e remunerada. A escola foi desativada e os alunos passaram a frequentar a escola do Núcleo Municipal "Vila Aliança".[6]

---

6 O Núcleo Municipal Vila Aliança foi criado em 27 de novembro de 2002 que incorporou as Escolas Isoladas de Nossa Senhora do Rosário, Paiol Grande, Boqueirão e São João do Rosário.

– Escola Municipal “Paiol Grande”. Localizada junto à capela Nossa Senhora do Rosário, iniciou seu funcionamento no dia 02 de março de 1964, tendo como professor Ênio Alves de Oliveira. Sua instalação oficial, porém, ocorreu em 14 de dezembro de 1970. A escola foi desativada e os alunos passaram a frequentar a escola do Núcleo Municipal “Vila Aliança”.

– Escola Municipal “Professor José Pinto Ribeiro”. A escola surgiu em 1955, então denominada Escola Isolada São Pedro da Barra do Tigre. A comunidade, segundo relatos, formou-se aproximadamente em 1929 com a construção da capela. O terreno da capela foi doado por Clarinda Beza e a capela foi construída por Pedro Roque, que escolheu o padroeiro São Pedro. O fundador da escola, doador do terreno e primeiro professor, foi José Pinto Ribeiro que trabalhou incansavelmente na comunidade durante 22 anos. Em meados de 1990 a comunidade solicitou mudança de nome passando a escola a denominar-se, a partir de 11 de junho de 1990, Escola Isolada Professor José Pinto Ribeiro. A escola foi desativada e os alunos passaram a frequentar o Núcleo Municipal “Professora Maria Eleci Francisco Correia”, na localidade de Marmeleiro.

– Escola Municipal “Rincão dos Barbosas”. Localizada em Santo Antônio do Rincão, foi fundada em 1963, funcionando provisoriamente num galpão de propriedade de Aristides Rodrigues Barbosa. O primeiro professor foi Felipe Barbosa, que trabalhou durante quatro anos com salário pago pelos pais dos alunos. O nome da escola foi dado em homenagem à família Barbosa, muito numerosa na região e proprietária de muitas terras. A escola foi desativada e os alunos passaram a frequentar a Escola Isolada “Bernardo Demertine”, na localidade de São Sebastião.

– Escola Municipal “Rincão dos Índios”. Localizada na comunidade de Cachoeirinha, foi criada em 15 de abril de

1953 para atender ao grande número de filhos de operários de serrarias instaladas na localidade. Seu fundador, Alnido Léo Petry, era descendente de imigrantes alemães do Rio Grande do Sul e operário da serraria Paese. Cedeu o paiol de sua casa para servir de sala de aula, tendo como primeira professora Olímpia Simplesen Petry. Alguns anos mais tarde, com ajuda dos moradores, foi construído prédio próprio para a escola que passou a se chamar Escola Isolada Estadual Rincão dos Índios. Em 1959 a professora Olímpia foi substituída por Adair Stanck Varela, que lecionou até 1976. A escola foi desativada e os alunos passaram a frequentar a Escola de Ensino Fundamental "José Borges da Silva".

– Escola Municipal "Santa Terezinha". Localizada na comunidade que leva o mesmo nome. A escola começou a funcionar em 1963 e tinha como local de sala de aula uma casa de madeira, antigo moinho de farinha. Por isso era conhecida como "Escola das Atafonas" Em 14 de dezembro de 1970 a escola foi criada oficialmente. As primeiras professoras foram Amélia Pinheiro e Nira Dutra. A escola foi desativada e os alunos passaram a frequentar a Escola de Ensino Básico "José Borges da Silva".

– Escola Municipal "Santo Anjo". Situada na localidade de Linha Gaúcha, na Cachoeirinha. Iniciou o funcionamento em 1950, tendo como sala de aula a igreja. A escola foi desativada e os alunos passaram a frequentar a Escola de Ensino Fundamental "José Borges da Silva".

– Escola Municipal "São João". Situada na localidade de São João Batista do Rosário. No começo a escola chamava-se "São José" porque a comunidade, tendo construído uma sala decorada com um quadro da imagem de São José, servia, durante a semana, como sala de aula e aos domingos era lugar de oração. A escola foi criada oficialmente no dia 07 de novembro

de 1975. O primeiro professor foi Ramiro Conceição do Amaral. Por estar situada na comunidade de São João do Rosário, e porque já existia uma escola com o nome de "São José", na comunidade de São José, a escola teve seu nome mudado no ano de 2000 para Escola Isolada São João. Foi desativada e os alunos passaram a frequentar a escola do Núcleo Municipal "Vila Aliança".

– Escola Municipal "São José". Localizada na comunidade de São José, padroeiro da capela que deu o nome à escola. Seu início data de 1943, tendo como primeira professora Osvaldina de Souza Matos. A escola foi desativada e os alunos passaram a frequentar a Escola de Ensino Básico "Padre Antônio Vieira".

– Escola Municipal "São Luiz". Localizada em Raia do Soita, a escola surgiu em 1949, com o nome de Escola Isolada Rincão do Bugio, mas sua localização era na capela São Paulo. Garibaldino Fragoso doou o terreno e os pais das crianças construíram a sala de aula. Em janeiro de 1989 um vendaval destruiu totalmente a escola e as aulas passaram a ser dadas no salão da comunidade. No final daquele ano foi construída nova escola, que passou a se chamar Escola São Luiz pois o nome Bugio não era aceito pela comunidade. A escola foi desativada e os alunos passaram a frequentar a Escola Isolada "Bernardo Demertine".

– Escola Municipal "Taimbé". Criada oficialmente no dia 20 de dezembro de 1969, situa-se na localidade de São Pedro da Barra do Tigre. Era uma construção de madeira e se localizava na propriedade de Juvelino Pinto de Castelo. Os primeiros professores foram Ivo Sutil Varela e Neila Pinto. A escola foi desativada e os alunos passaram a frequentar o Núcleo Municipal "Professora Maria Eleci Francisco Correia", na localidade de Marmeleiro.

– Núcleo Municipal "Professor Claudino Leopoldo Petry". A escola teve seu início em 1962, sob a liderança de Claudino Leopoldo Petry, operário da serraria Felipão. Cha-

mava-se Escola Mista Municipal Rincão dos Cedros e tinha como professora Lolita Ribeiro, que atuou apenas durante um semestre. Em seguida Claudino Leopoldo Petry assumiu a escola. Em janeiro de 1970 foi inaugurado o novo prédio escolar construído em alvenaria, o primeiro do município. Em 27 de novembro de 1990 a escola passou a denominar-se oficialmente Escola Professor Claudino Leopoldo Petry, em homenagem ao fundador e professor durante 28 anos. Em 1998 a escola passou a funcionar como Núcleo Municipal frequentado por alunos de quatro comunidades vizinhas. O Núcleo foi desativado e os alunos passaram a frequentar a Escola de Ensino Fundamental "José Borges da Silva", na sede do município.

– **Centro de Educação Infantil "Anir Dalmora"**. O Centro Educacional conta com dez unidades das quais, uma no centro da cidade e as demais nos bairros e em localidades do interior. a) No centro. b) Nos bairros: Coopercampos, Borges, Nossa Senhora Aparecida. c) Nas localidades do interior: Nossa Senhora das Graças, Capela São Paulo, Vila Petry, Vila Aliança, Marmeleiro e Lagoa da Estiva.

3 Ensino à distância

Há em Anita Garibaldi um Pólo de Ensino Superior fundado em 2007 por Mariclei de Lourenssi e que também é a atual diretora. O foco principal das atividades são cursos de pós-graduação *latu sensu*, à distância. O núcleo mantém parcerias com instituições de ensino superior entre as quais a Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), a Universidade Castelo Branco e, a partir de 2010, a Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC). Graças ao seu excelente conceito, conta com aproximadamente 600 alunos oriundos de diversos

pontos de Santa Catarina e do vizinho Estado do Rio Grande do Sul. Além disso, a escola oferece também curso de preparação para vestibular e curso de inglês.

***

Com a municipalização do ensino e a adoção do transporte escolar, a maioria das escolas foi desativada e as crianças passaram a ser transportadas para escolas mais centralizadas.

Nas últimas décadas vem diminuindo o número de alunos que frequentam o ensino fundamental e o ensino médio, o que se deve não à evasão escolar, mas, à migração de famílias jovens com crianças em idade escolar e também à diminuição do número de filhos por família.

É importante destacar também as mudanças ocorridas no nível de qualificação dos docentes. Se em 1970 ainda havia nove professores com o primeiro grau incompleto,[7] atualmente a maioria dos professores tem nível superior ou se encontram frequentando a universidade. Muitos professores se formaram através do projeto Magister ou similar.

Cerca de duas centenas de jovens frequentam cursos de nível superior. As universidades mais próximas encontram-se em Lages a uma distância de 100 quilômetros, fato esse que obriga os estudantes a percorrerem diariamente o trajeto em ônibus parcialmente financiado pela Prefeitura, ou então a residirem fora do seu domicílio, o que representa elevado ônus financeiro. Além disso, depois de formados, muitos não voltam para a terra natal.

---

[7] Jornal “Correio Lajeano”, nº 151. Data: 05 jul. 1970. *Ensino Primário e Médio em Anita Garibaldi.*

Biblioteca Pública

Em 1973 surgiu a ideia da fundação de uma biblioteca pública. Formou-se então, para esta finalidade, uma associação com o objetivo de arrecadar os fundos necessários. O jornal Correio Lageano, em sua edição de 17 de outubro de 1973, noticiou o fato com a manchete "Biblioteca para Anita Garibaldi":

> *Recursos no valor aproximado de 10 mil cruzeiros foram arrecadados pela campanha encetada pela Sociedade Amigos da Biblioteca de Anita Garibaldi. A verba será empregada na aquisição de livros para a formação do acervo da biblioteca de Anita Garibaldi. No enceramento da campanha, domingo próximo passado, o Prefeito Izidoro Marin ofereceu aos membros da Comissão, belíssimas medalhas em reconhecimento pelo serviço prestado em favor da cultura garibaldina. O chefe do Executivo garibaldino informou que a Biblioteca será inaugurada ainda este ano.*[8]

A biblioteca foi efetivamente criada e instalada numa casa situada na praça em frente à Prefeitura Municipal no centro da cidade, onde atendeu o público durante muitos anos. Apesar da boa vontade e da nobre intenção dos fundadores, o acervo nunca chegou a contar com grande número de exemplares. Recentemente, quando foi remodelada a praça, a casa que abrigava a biblioteca foi demolida e o acervo foi transferido para a escola municipal "José Borges da Silva" e incorporado ao acervo daquela escola.

8 Jornal "Correio Lageano", nº 528. Data: 17 out. 1973.

[6]

Igreja, religião e religiosidade

Quando as pessoas migram, levam consigo não apenas os pertences de ordem material, mas também as tradições, os costumes, os valores morais, as crenças, a religiosidade e tudo o mais. As crenças e os valores religiosos são o maior bem do ser humano e, como tal, impregnam e perpassam todos os demais valores culturais e morais.

Com os povoadores e os imigrantes em Anita Garibaldi, tanto os de origem lusa ou italiana não foi diferente. Cada pessoa ou grupo de pessoas levou seu tesouro cultural individual ou coletivo.

As populações de origem lusa eram praticantes de um catolicismo tradicional, popular, com pouca formação teológica e mais voltadas à rezas e ao culto dos santos. Os imigrantes de origem italiana praticavam um catolicismo mais romanizado e, de modo geral, tinham melhor conhecimento doutrinário. Os italianos davam especial ênfase à presença do padre junto à comunidade. Todavia, na ausência de padre, que só visitava aqueles rincões de tempos em tempos para a visita chamada desobriga, os colonos vindos do Rio Grande do Sul e do sul de Santa Catarina se reuniam nos fins de semana para sua reza dominical em comunidade.

Religião e religiosidade

Ao longo dos anos, até recentemente, a população da região que constitui o atual município de Anita Garibaldi era, em sua absoluta maioria, católica.

Pode-se, no entanto, perguntar: o que significava para a população, que raras vezes contava com a presença de um padre, ser católico. Para a maioria, significava ser batizado e saber de cor algumas orações básicas como o Pai Nosso e a Ave Maria e ser devoto de um ou mais santos.

No âmbito das fazendas, onde as relações sociais eram de dependência e de submissão, o batismo era importante fator de estabilidade social. Mais que uma cerimônia religiosa de inserção na comunidade eclesial, o batismo era um rito de iniciação pelo qual se acolhia o novo membro da família no grupo social criando laços de parentesco. Do batismo resultava o sistema de compadrio, que criava e fundamentava moralmente laços de dependência religiosa e familiar entre fazendeiro e seus dependentes. "Era normal os filhos de peões e agregados terem como padrinhos os donos de fazendas, o que produzia laços sagrados de união entre membros de diferentes segmentos sociais, e garantia certa estabilidade social".[1]

Em Anita Garibaldi, como em quase todo o planalto serrano, uma das práticas mais comuns do catolicismo popular é o batismo doméstico. O batismo feito em casa não é oficial, ou seja, não é reconhecido pela igreja, mas faz parte da tradição serrana. [2] O motivo de tal prática talvez seja o fato de que, até o início do século XX, a região era pouco visitada pelos padres e os pais temiam que a criança morresse sem o batismo. Numa região onde a assistência médica era praticamente ausente, o batismo era considerado também garantia de saúde. Segundo crenças populares, a criança é facilmente vítima de bruxaria,

---

1 IUNSKOVSKI, Roberto. *Migrantes caboclos em Florianópolis: trajetória de uma experiência religiosa*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 2002.

2 Em Anita Garibaldi a Igreja (o clero) aceita o batismo praticado em casa desde que feito segundo as normas prescritas para a validade teológica do sacramento, isto é, derramar água na cabeça da criança e proferir a fórmula "(diz-se o nome da criança), eu te batizo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo".

e o batismo – visto não raro como uma ação mágica – teria o poder de imunizar o recém-nascido de doenças e malefícios. Outra origem do batismo feito em casa pode ser o fato de a família do peão ou rendeiro desejar alguém do círculo familiar mais próximo como padrinho e para este compadrio fazia-se o batismo em casa ao passo que para o compadrio com o senhor da fazenda era importante que o batismo fosse público, na igreja. O batismo feito no âmbito doméstico congrega parentes e amigos onde a cerimônia se reveste de um caráter espontâneo e informal, contrário daquele realizado na igreja onde o rito prescreve certa formalidade e solenidade e vários batizados são feitos simultaneamente. Se o batismo na igreja implicava no pagamento de uma taxa, o doméstico era gratuito, e para o caboclo as coisas divinas não devem ser pagas.

São elementos do ritual do batismo doméstico: Pai-Nosso, Salve Rainha, Creio em Deu Pai, ramo verde (galho de hortelã ou de arruda)[3], vela e água tirada de fonte corrente e devolvida à mesma após o uso. No ritual são importantes os padrinhos, que não são os mesmos do batismo na igreja. Além do casal de padrinhos, há uma terceira pessoa (ou casal), o apresentador ou apresentadora que, como diz o termo, faz a apresentação do batizando. A cerimônia é feita geralmente aos domingos à tarde e se constitui numa festa familiar acompanhada de um jantar. Aos padrinhos de batismo na igreja é vedado tomar parte no batismo feito em casa.

Em Anita Garibaldi, o batismo em casa é tradicional e praticado pela maioria da população da região. Essa tradição é, inclusive, mantida pelos anitenses que migram para outras cidades ou lugares fora do município.

Não foi fácil obter detalhes dessa prática, pois as pessoas se recusam a falar sobre o assunto ou escondem informações. A obstinação em prestar informações sobre o batismo doméstico

[3] O ramo de hortelã é usado para a criança "ficar mansa" e o de arruda para proteger contra inveja e mau olhado.

revela um clima de desconfiança, pois tal prática foi sempre combatida pela hierarquia da Igreja. Atualmente, há padres que aceitam como válido o batismo doméstico desde que feito segundo as prescrições do rito católico e posterior ratificação por parte da Igreja. Por isso, algumas pessoas já ousam falar de forma mais descontraída deste rito doméstico.

Outra tradição marcante da população de Anita Garibaldi, principalmente entre os de origem lusa, é a prática do Terço Cantado, com melodias específicas para algumas partes. Morando longe da capela e contando com rara visita de padre, as pessoas da vizinhança se reuniam para práticas religiosas sob a direção do capelão. Nessas rezas a letra é menos importante que a melodia, o recolhimento e a sintonia com o sagrado.

Encontra-se também muito difundida e profundamente enraizada na população anitense a reza da "Ajoelhação", feita no dia 25 de março, dia da Anunciação de Nossa Senhora. A reza, feita num tom de cantilena, é repetida 100 vezes enquanto o participante se ajoelha 100 vezes. Diz a oração:

Alma que te põe de pé
Jesus Cristo contigo é
No campo José a faz
Tudo dirá, arreda Satanás.
Parte da minha alma não terás
Que no dia de Nossa Senhora de março

– 100 vezes me ajoelhei
– 100 vezes me pelossinei[4]
– 100 vezes me levantei
– 100 Ave Maria rezei.

Em Anita Garibaldi é muito forte a devoção ao monge João Maria. Ao longo dos anos o clero a combateu sem sucesso. Atualmente a devoção decaiu um pouco, pois a Igreja, através de seus agentes de pastoral, promove um discurso evangeliza-

[4] Ato de benzer-se, de fazer o "Pelo sinal da Santa Cruz"

dor menos doutrinário e mais bíblico e libertador. Além disso, a Igreja assumiu algumas das práticas devocionais prestadas em honra a este santo popular, tais como: a procissão na Sexta Feira Santa, que parte da igreja matriz até a Água Santa, uma fonte situada próxima da cidade, na comunidade do Divino Espírito Santo, junto à SC-452 e que, segundo a tradição, foi benta pelo monge João Maria. Prestam-se também homenagens à árvore que São João Maria teria plantado junto à fonte.

O catolicismo rústico, com suas festas e rezas, contrasta profundamente com o catolicismo oficial, romano. O catolicismo popular praticado pela população de origem lusa tem no culto dos santos o ponto central da vida pessoal, familiar e da vizinhança. Na sedimentação dessa experiência religiosa tiveram fundamental participação as figuras carismáticas dos monges, principalmente João Maria d'Agostini e João Maria de Jesus, que percorreram grande parte do planalto catarinense. O clero, que via as crenças populares como superstição, fruto da ignorância, combateu essas práticas mediante doutrinação.

> *Os brasileiros estão mais distantes da Igreja enquanto instituição e mais próximos de um catolicismo popular, que mistura os ensinamentos e práticas estabelecidos por aquela instituição com suas próprias crenças, derivadas de seu modo específico de ver e estar no mundo, de sua tradição cultural e de suas vivências ao longo do tempo.*[5]

Nas áreas do município onde predomina a imigração italiana, as práticas e o imaginário religioso são bastante diferentes daquelas onde predomina o elemento de origem lusa. Com a vinda dos italianos do Rio Grande do Sul, formaram-se comunidades e surgiram capelas que, por sua vez, recebiam

5 BLOEMER, Neusa Maria Sens. *Brava gente brasileira: migrantes italianos e caboclos nos Campos de Lages*. Florianópolis: Cidade Futura, 2000. p. 247.

com mais frequência a visita do padre. Na mesma época, quando inicia a imigração italiana, ocorre também a instalação dos padres franciscanos em Lages que visitam as capelas e as sedes das fazendas onde rezavam missa, faziam pregações, davam catequese e celebravam os sacramentos como batismo, confissão, casamento e visitas aos doentes.[6] Para os italianos, a Igreja Católica era a principal normatizadora das condutas morais e o pólo aglutinador da sociabilidade comunitária da vida dos colonos.

Igreja católica

A tradição oral informa que a primeira capela teria sido aquela existente na comunidade de Freguesia dos Domingos e que tem como padroeiro São Francisco de Assis.[7] Acreditamos que esta tradição tem fundamento, pois a população era de tradição católica, cultuava seus santos e se reunia para as rezas em comum. Provavelmente a capela recebeu algumas vezes a visita dos padres por ocasião de suas viagens de desobriga pelo interior.

Com a vinda dos imigrantes italianos a fisionomia religiosa da região ganhou outras feições. Os italianos, também

6 Entre os padres franciscanos que percorreram o planalto serrano evangelizando as populações do interior destaca-se Frei Rogério Neuhaus, nascido em Borken (Alemanha) no dia 29 de novembro de 1863 e falecido no Rio de Janeiro no dia 23 de março de 1934. Trabalhou no Planalto Catarinense de 1892 a 1918. De Lages foi transferido para Palmas (PR) onde permaneceu até 1922. Passou os últimos 12 anos no Rio de Janeiro.

7 É importante lembrar que os padres franciscanos, cujo fundador e patrono é São Francisco de Assis, chegaram a Lages no início de 1892. Entre eles estava Frei Rogério Neuhaus que, durante 20 anos, percorreu o Planalto Serrano fundando capelas e evangelizando as populações do interior. É possível que a capela de São Francisco de Assis, da Freguesia dos Domingos, remonte ao tempo em que os Freis Franciscanos visitavam de tempos em tempos a região que corresponde ao atual município de Anita Garibaldi.

católicos, eram portadores de práticas religiosas diferentes. Uma das primeiras preocupações foi a de edificar uma capela, ainda que rústica, onde pudessem se reunir aos domingos para rezar. Segundo a tradição oral, a mais antiga é a da comunidade Santa Ana, cuja festa se celebra no dia 26 de julho. Porém, José Maria Antunes Ramos, ciente da religiosidade dos imigrantes italianos, teve a preocupação de construir uma capela na sede da colônia ao fundar Anita Garibaldi em 29 de agosto de 1900. Diz o documento: "... dentro de pouco tempo o diretor dará começo à construção da igreja para cujo fim tem conseguido não pequena quantia por meio de subscrição".[8] Efetivamente, foi construída uma pequena igreja de madeira, junto à rua, de frente para a praça. Os imigrantes lhe atribuíram como padroeira Santa Bárbara, cuja festa se celebra a 4 de dezembro.

Em 1925, quando estava sendo construída a estrada de Lages a Anita Garibaldi e Campos Novos, Dom Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo da diocese de Florianópolis e que naquela época abrangia todo o Estado de Santa Catarina, visitou Anita Garibaldi. Foi um acontecimento de fundamental importância para os fiéis da paróquia de Santa Bárbara.

Mais tarde, em 1932, a população já havia crescido muito e a capela se tornara pequena. Em vista disso, a comunidade construiu outra, no lugar onde se situa a atual prefeitura, portanto, numa pequena elevação defronte à praça.

---

8 Jornal "Região Serrana". Nº 153. Data: 06 maio 1900. *Colônia Anita Garibaldi.*



Antiga igreja matriz, no dia da inauguração em 1932.

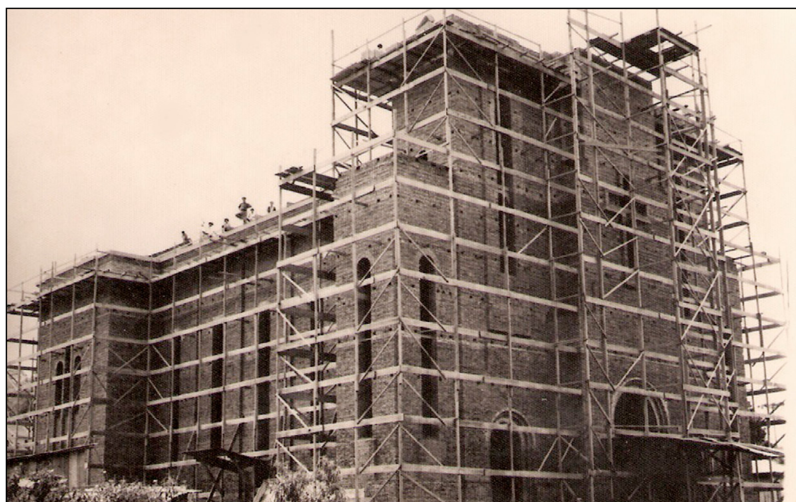
O acentuado índice de crescimento populacional que chegava a cerca de 20 mil habitantes em toda a região de Entre Rios, justificava a criação de uma paróquia com a consequente residência permanente de um ou mais padres no local. O anseio da população foi atendido quando, por decreto assinado em 8 de setembro de 1950, foi criada a Paróquia Santa Bárbara de Anita Garibaldi pelo Bispo de Lages, Dom Daniel Hostin. Sua instalação solene deu-se no ano seguinte, no dia 31 de março de 1951, e a posse do primeiro pároco foi no dia seguinte, 1º de abril de 1951, na pessoa do Padre Remígio Dalla Vecchia, da Pia Sociedade dos Padres Carlistas que já vinham atendendo a comunidade de Anita Garibaldi desde 1948.

A criação da paróquia deu início à nova fase na vida religiosa católica em Anita Garibaldi. A presença constante de padres na comunidade significou uma cobrança maior de participação dos fiéis na vida da Igreja, tanto na frequência

aos sacramentos quanto na organização e nas melhorias materiais. Vale lembrar que os padres que atenderam a paróquia nos primeiros tempos eram muito ativos e, com seu carisma e liderança, conseguiram despertar no povo grande entusiasmo pelas obras relacionadas com a Igreja. Muitas das incumbências de responsabilidade do poder público ainda ausente, foram assumidas pela paróquia. Nesse contexto, entende-se o papel de liderança exercida pelos religiosos em todos os setores da sociedade.

Uma das primeiras iniciativas dos padres foi a construção de nova igreja, mais espaçosa. O novo templo não seria construído no mesmo local da igreja antiga, pois o espaço era insuficiente para o novo edifício e as demais dependências, como residência dos religiosos e o salão paroquial. Para esta finalidade a paróquia conseguiu reaver parte do terreno que o fundador de Anita Garibaldi havia doado à igreja.[9] Em 3 de março de 1957 foi lançada a pedra fundamental. O grande desafio eram os recursos necessários para a monumental obra mas, graças à generosa contribuição dos comerciantes, madeireiros, criadores, lavradores e de muita gente simples, o empreendimento pôde ser levado a termo. Junto aos modestos operários, como pedreiros ou carpinteiros, é necessário destacar a figura do mestre de obras, Efísio Fanni, que soube dirigir os trabalhos com muita capacidade.

9 A tradição oral refere que o Capitão José Maria Antunes Ramos fez doação de 50 hectares para a Igreja como patrimônio da Santa. A área compreende a região onde hoje se situa a Igreja Matriz, o colégio o hospital e área adjacente.



Igreja matriz Santa Bárbara, em construção (1957-1959).
Acervo Paróquia Santa Bárbara.

A igreja é um monumento imponente e se constitui em símbolo para a cidade de Anita Garibaldi. Expressa o vigor da religiosidade do povo e a capacidade de liderança do então pároco Padre Elias Bordignon. Seu elevado custo de execução[10] mostra a força e a união dos fiéis em torno de um mesmo objetivo. A inauguração se deu em 1959.

Em 12 de fevereiro de 1992, depois de quase meio século de atividades, os padres carlistas deixaram a paróquia de Anita Garibaldi e foram substituídos pelos padres diocesanos, que atendem a paróquia até hoje.

A paróquia de Santa Bárbara conta com 37 capelas localizadas na periferia da cidade e no interior do município. São as seguintes: Cachoeirinha, Santa Terezinha, Reassentamento 15

[10] Em Anita Garibaldi, a construção em alvenaria tem custo elevado por causa do transporte, pois grande parte do material como areia, cimento e ferro vêm de fora.

de Fevereiro, Vila Petry, Sagrado Coração de Jesus, São Sebastião, Lagoa da Estiva, Vargem Quente, Freguesia dos Domingos, Divino Espírito Santo, Rosário, Santa Ana, Santo Antônio, Reassentamento Santa Catarina, São Paulo, Bairro Borges, São José, Santa Rita, Flor Azul, Arrozal, Carijos, Barro Preto, São Pedro da Barra do Tigre, São Mateus, Bairro Aparecida, Santa Isabel, Marmeleiro, Pinheirinho, São João Batista, Nossa Senhora das Graças, Boa Vista, Raia do Soita, Bairro Copercampos, Atafona, Coral e Nossa Senhora de Lourdes.

Igrejas Evangélicas

Além da Igreja Católica, há em Anita Garibaldi três outras igrejas chamadas pentecostais que se reconhecem sob a denominação de “Assembleia de Deus”, “Testemunhas de Jeová”, “Igreja Quadrangular”, entre outras. O número de adeptos é relativamente reduzido e são recrutados principalmente entre a população mais pobre e simples da comunidade. Chama a atenção a localidade de Vila Aliança, cuja população predominante é resultante de miscigenação de índios, negros e caboclos. Na localidade não há igreja católica, mas duas igrejas pentecostais de diferentes denominações.

Velórios, enterros e culto dos mortos

Os velórios e o luto têm uma dimensão muito significativa na vida religiosa do povo do interior de Anita Garibaldi. O velório é um momento de grande tristeza, mas também de muita movimentação com rezas, cantorias em torno do falecido. É um momento de solidariedade para com os familiares. Antigamente os parentes observavam o luto por seis meses, usando roupa preta, ou uma fita preta.

Em todas as sociedades os cemitérios ocupam lugar de destaque. São lugares de memória e têm sua origem no ritual de enterrar aqueles que morreram. Os cemitérios são uma manifestação de fé e de cultura. Seu estado de conservação ou de abandono revela o nível cultural da comunidade. Por outro lado, como há uma hierarquia ditada pelas condições sociais e econômicas entre os vivos, esta também se perpetua, por meio de símbolos de pedras, entre os mortos nos cemitérios. Os túmulos, as lápides com as inscrições e as cruzes ajudam a compreender a trajetória do grupo humano que ali viveu ou vive.

Há, em Anita Garibaldi, um cemitério municipal na cidade e mais alguns nas comunidades do interior. Todos eles ilustram bem a estratificação social e o nível cultural da população. Os cemitérios das comunidades de Santa Ana e do Rosário desapareceram com a inundação do lago da barragem. Com eles desapareceu parte da memória das comunidades. Familiares de falecidos sepultados no cemitério de Santa Ana transferiram os restos mortais de seus entes queridos para o cemitério da cidade ou para outros cemitérios.

Na comunidade do Rosário foi construído um cemitério novo, para onde foram transferidos os restos mortais dos que se encontravam sepultados no cemitério submerso pelas águas do lago.



Nova capela de Santa Ana. Acervo: Gil Karlos Ferri.

Na comunidade do Rosário a empresa Enercan construiu ao lado da nova igreja um cemitério para onde foram transferidos os restos mortais dos sepultados no cemitério submerso pelas águas do lago.



Nova capela do Rosário. Ao fundo, lado direito, o novo cemitério.

“Recomenda das Almas”[11]

Em comunidades do interior mantém-se a tradição – por sinal muito bonita – de realizar na Sexta-feira Santa a procissão de “Recomenda das Almas” em que um pequeno grupo de pessoas vai de casa em casa para uma reza cantada. Consiste no seguinte:

1ª parte:

Esta Oração é feita em 2 grupos. Chegando em frente à casa, grupo um canta a primeira parte e o grupo dois canta a segunda parte ou resposta:

1 – Acorda-te irmão das almas.
2 – Pra nóis ajudar rezar.
1 – Aqueles que são devotos.
2 – Das almas recomendar.
1 – Rezaremos um Padre Nosso.
2 – Junto com Ave-Maria
1 – Intenção do dono da casa
2 – Com toda a sua família.
1 – Rezaremos um Padre Nosso
2 – Junto com Ave-Maria
1 – Pras almas da Obrigação
2 – Pra nos pedir e rogar.
1 – Rezaremos um Padre Nosso
2 – Junto com Ave Maria
1 – Pras almas do Purgatório.

11 O texto desta reza foi fornecido por Aristeu Antunes Sutil e Selma Terezinha Sutil, da comunidade do Divino Espírito Santo.

2ª Parte

2 – Pra Deus delas se alembrar.
1 – Rezaremos um Padre Nosso
2 – Junto com Ave-Maria
1 – Pras almas abandonadas.
2 – Seja pelo amor de Deus.
1 – Rezaremos um padre nosso
2 – Junto com Ave-Maria
1 – Pras almas Santas Benditas
2 – Por nós pedir e rogar.

Refrão (repetir três vezes)

1 – Senhor Deus.
2 – Senhor Deus, Misericórdia.
1 – Pelas dores de Maria Santíssima
2 – Misericórdia.

3º Parte

Invocação – Para as almas, santas benditas e da nossa obrigação.

Resposta: por nós pedir e rogar.

– Almas do cemitério, enforcados, dos abandonados, que andam no mundo.

Resposta: Seja pelo amor de Deus.

– Para as almas necessitadas, do purgatório, esquecidas,

Resposta: Pra Deus delas se alembrar.

Para encerrar: Canto. Orações diversas. Uma oração qualquer.

Oração final.

Por último, o canto:

Bendito e louvado seja

O Santíssimo Sacramento.
Da puríssima Conceição da Virgem
Maria, Senhora Nossa.
Concebida sem pecado original.
Amém, Jesus.

(Daí segue em frente para outra casa).

[7]

Obras sociais e assistenciais

Quando o poder público está ausente ou se omite, as entidades privadas assumem tarefas que seriam da competência do Estado. Ao longo da história, e em muitos lugares, tais iniciativas partiram da Igreja diretamente ou por sua inspiração. Trata-se de ações fundamentais para a vida e para o desenvolvimento humano, como saúde, educação e outras, dependendo das necessidades da comunidade. A Igreja nunca dispõe de recursos financeiros próprios, mas de meios de articulação e de liderança para somar forças e arrecadar fundos em vista de uma obra para o bem comum. Em Anita Garibaldi a Igreja liderou algumas iniciativas importantes não só para a cidade, mas para toda a região. A situação mudou gradativamente após a criação do município em 1961, quando o poder público se fez cada vez mais presente nas áreas carentes da sociedade.

Hospital Frei Rogério

A principal obra social que partiu da iniciativa da Igreja foi o hospital Frei Rogério que tantos benefícios já prestou à população. Seu início foi em 1º de novembro de 1952 quando, em reunião, a diretoria da Igreja convocada pelo pároco Padre Elias Bordignon, tomou a decisão de construir o hospital. Na

ata da reunião de fundação consta a seguinte justificativa para esse empreendimento:

> *Levados unicamente por um sentimento de caridade social, decidimos construir, nesta vila, um hospital. Considerando que há na vila e arredores uns vinte mil habitantes em completo abandono no que se refere à assistência médica, estando numa distância de cem (100) e cento e cinquenta (150) quilômetros a mais, por estradas nem sempre transitáveis para chegar ao Hospital da sede do Município... [...] Na mesma ocasião foi sugerida a denominação "Hospital Frei Rogério".*[1]

No mesmo dia em que foi decidia a fundação do hospital, foi também constituída uma comissão encarregada de executar a obra. A principal tarefa da comissão era a de arrecadar os recursos em dinheiro e material. Todos os paroquianos, desde o fazendeiro, o madeireiro, o comerciante e o agricultor contribuíram dentro de suas posses e possibilidades, e em menos de dois anos a primeira parte do prédio estava pronta. A inauguração oficial foi no dia 15 de agosto de 1954. Um dia antes, no dia 14 de agosto de 1954, chegavam as Irmãs da Divina Providência para assumir a direção interna.[2] Desde aquela data até hoje as religiosas trabalham na direção e no atendimento geral dos doentes.

Os padres Carlistas (Scalabrinianos), de origem italiana, têm como missão específica trabalhar com migrantes, principalmente os de origem italiana. Padre Elias Bordignon foi o primeiro sacerdote desta congregação ordenado no Brasil.

---

1 ATA da reunião de fundação do Hospital Frei Rogério, de Anita Garibaldi.

2 No dia 14 de agosto de 1954 chegavam as quatro primeiras Religiosas para assumir o Hospital Frei Rogério, recém-construído. Eram as Irmãs Joanilde e Meandra para a enfermagem, Irmã Crisófora para a cozinha, lavanderia, horta e demais serviços gerais e Irmã Egbertina como Coordenadora e Diretora Executiva do Hospital.

Atualmente os religiosos da congregação exercem seu apostolado junto aos migrantes em geral.



Padre Elias Bordignon (Paraí, RS. ★27.06.1921 – Nova Bassano, RS. †28.02.1996), era sacerdote da Congregação dos Padres Carlistas, conhecidos também como Scalabrinianos. Foi ordenado sacerdote no dia 17 de julho de 1950. Trabalhou na paróquia Santa Bárbara, de Anita Garibaldi, de 1953 a 1959, primeiro como coadjutor e depois como pároco. Foi ele o principal idealizador e incentivador da construção da igreja matriz e do hospital Frei Rogério.

Desde a fundação até 31 de dezembro de 1997, a entidade mantenedora do hospital era a Pia Sociedade dos Padres Carlistas. De 1º de janeiro de 1998 até hoje a entidade mantenedora é a Congregação das Irmãs da Divina Providência.

Ao longo dos anos, o hospital sempre primou pelo bom atendimento, tanto por parte das religiosas como também por parte das enfermeiras e dos médicos. Por isso o hospital é muito bem conceituado e atende toda a microrregião.

As dificuldades de manutenção são enormes, mas o hospital, bem ou mal, responde às primeiras necessidades da população, como partos, pequenas cirurgias e outros tratamentos. Os casos mais graves são encaminhados para centros maiores, sobretudo para Lages.



Hospital Frei Rogério, em 1953.
Acervo do Hospital Frei Rogério.



Hospital Frei Rogério, em 1965. Acervo do Hospital.

O antigo hospital localizava-se atrás do atual e tinha sua frente voltada para a Igreja Matriz e a entrada era pela Avenida Frei Rogério.



Hospital Frei Rogério, em 2011.

Colégio Santa Maria Goretti

Atento aos problemas e deficiências na educação infanto-juvenil, o pároco Elias Bordigon tomou a iniciativa de fundar uma Escola Paroquial. Para garantir à população de Anita Garibaldi uma educação de excelente qualidade, a direção da paróquia convidou as Irmãs da Divina Providência, que naquela época eram consideradas as melhores educadoras, para assumir o ensino e a direção da escola. Por falta de espaço, foi construído um prédio escolar denominado "Colégio Santa Maria Goretti" onde residiam também as Irmãs que trabalhavam na escola e algumas internas. Mais tarde, as duas instituições de ensino, a escola paroquial e a escola pública, foram unidas dando origem à Escola Reunida "Padre Antônio Vieira".



Colégio Santa Maria Goretti.
Acervo da EEB Padre Antônio Vieira.

Irmãs da Divina Providência

Fundada na Alemanha em 3 de novembro de 1842 pelo Padre Eduardo Michelis, a Congregação das Irmãs da Divina Providência marca presença no Brasil desde 1893. A Congregação se difundiu pelas cidades da região Sul do Brasil onde seus membros se dedicam principalmente ao trabalho em colégios, na educação da juventude, e em hospitais, no cuidado dos doentes.

O pároco padre Elias Bordignon, preocupado com a falta de pessoal qualificado para assumir os empreendimentos que ele vinha planejando, dirigiu-se às Irmãs da Divina Providência com sede provincial em Curitiba. Seu apelo foi atendido pela direção da Congregação e em 14 de agosto de 1954 chegaram as primeiras religiosas para assumir o hospital. Na mesma época foi fundada também

a Escola Paroquial, confiada igualmente às religiosas desta Congregação. Em 19 de abril de 1955, com a criação da Escola Reunida "Padre Antônio Vieira", as Irmãs assumiram esse educandário cuja direção elas mantiveram até 1984 quando o Grupo Escolar "Padre Antônio Vieira" foi transformado em Escola Básica.

Em 1956 a Congregação abriu um Juvenato, onde moças do interior e da cidade, em regime de internato, recebiam formação mais aprimorada, tanto do ponto de vista religioso quanto intelectual. Algumas das moças que frequentaram o internato ingressaram na respectiva Congregação. O Juvenato encerrou suas atividades em 1990.

Desde a vinda em 1954 até hoje, as Irmãs da Divina Providência vem prestando relevantes serviços na educação da juventude, no atendimento aos enfermos, na pastoral paroquial – catequese e liturgia – e na evangelização em geral, tanto na cidade como nas comunidades do interior. Quando a Congregação contava com grande número de religiosas, a comunidade de Anita Garibaldi chegou a contar com oito Irmãs, todas muito atarefadas nas mais diversas atividades[3].

Nem sempre o trabalho das religiosas é conhecido e reconhecido, porque é um trabalho silencioso, sem ostentação ou publicidade, mas nem por isso menos importante.

---

[3] Algumas das informações acima foram fornecidas por Irmã Brunilda Maria Stuelp.

Casa Lar[4]

A Associação Grande Exemplo de Vida – AGEV – conhecida popularmente como "Casa Lar", foi fundada em 30 de novembro de 1999. Tem por meta a assistência social, a educação de base, a coleta e a comercialização do lixo reciclável na comunidade e a promoção humana das pessoas, especialmente crianças e adolescentes em situação de carência econômica ou de risco social. A entidade é aberta para todos, sem distinção de raça, nacionalidade, convicção política, credo religioso, sexo ou condições social.

A ideia de fundar a "Casa Lar" surgiu numa conversa informal da doutora Brigitte Remor de Souza May, Juíza de Direito da Comarca de Anita Garibaldi, com duas funcionárias do Fórum, Marisa Moro e Simone Martins de Castilhos Godoy. O primeiro passo foi angariar recursos através da coleta e da reciclagem de lixo seletivo. Foi feita uma campanha nas escolas e entre a população, mediante palestras e distribuição de panfletos e a Prefeitura cedeu um veículo com motorista para recolher o material que era selecionado por voluntários. O próximo passo foi a formação de uma diretoria para a qual foram convidadas pessoas da sociedade.

A área de abrangência da AGEV se estende aos municípios de Anita Garibaldi, onde se encontra sua sede, e aos municípios vizinhos de Abdon Batista e Celso Ramos. Até 20 de julho de 2005 atendia também os municípios de Cerro Negro e Campo Belo do Sul.

A "Casa Lar" é uma entidade filantrópica, sem fins lucrativos, e se mantém graças à convênios com entidades

---

4 As informações relativas à AGEV foram fornecidas por Simone Martins de Castilhos Godoy.

públicas (prefeituras da comarca) ou privadas (comércio, empresas e Rotary), com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e, sobretudo, à ação de voluntários. Conta também com o apoio do Conselho Tutelar do Ministério Público e do Poder Judiciário.

A entidade mantém em suas dependências uma oficina de artesanato, onde voluntários confeccionam objetos de decoração em madeira MDF, que são comercializados e que se constituem em fonte de renda da instituição.

O número de crianças e adolescentes atendidos é variável, dependendo da demanda. Em 2005 chegou a abrigar 63 crianças. Atualmente o número está mais reduzido.



Sede da "Casa Lar", situada à rua Otacílio Granzotto, 126.
Gil Karlos Ferri. Maio de 2011.

[8]

Sociedade, Cultura e Lazer

O estudioso que analisa a cultura da região do município de Anita Garibaldi, tem dificuldade em perceber elementos específicos que caracterizem a identidade da população anitense. Em primeiro lugar, é preciso considerar que ao longo dos anos se estabeleceram na região, além dos primitivos habitantes indígenas, os (i)migrantes vindos de diferentes regiões do Brasil e do exterior com sua bagagem cultural e com suas tradições. Esses foram, num primeiro momento, fazendeiros paulistas com seus peões e escravos. Depois, quando o capitão José Maria Antunes Ramos fundou a colônia, foram atraídos italianos do Rio Grande do Sul. Mais tarde vieram italianos de Serra Abaixo – isto é, Sul de SC – com suas tradições, algumas já mescladas com elementos culturais recebidos de populações açorianas do litoral. Em algum momento apareceram também descendentes de origem africana[1] que logo se mesclaram com elementos de origem indígena, dos quais ainda havia grupos remanescentes na região. Verifica-se também, embora em pequeno número, a presença de descendentes de alemães, residentes principalmente no âmbito da cidade. Todas estas vertentes étnicas e culturais se

[1] Na localidade de Vila Aliança há um acentuado percentual da população de origem africana já mesclada com luso-brasileiros e índios. Há diferentes versões sobre a origem desses negros conhecidos como "quenianos" e também como Picas (Pica-Paus). Teriam vindo do Rio Grande do Sul na época da Revolução Federalista (1893-1895).

encontraram e se mesclaram de uma ou de outra forma sem, no entanto, chegar a formar uma realidade nova, típica do lugar.

No entanto, em virtude do isolamento a que a região esteve relegada durante muitos anos por falta de estradas ou outros meios de comunicação, algumas características se destacam como a hospitalidade e o sentimento de saudade. Os anitenses que saem do município por motivo de emprego ou de melhores condições de vida, preservam a lembrança de sua terra natal e dos parentes e amigos que ali ficaram. Escreve um jornalista anitense, interpretando os sentimentos de seus conterrâneos:

> *Todos conhecem a história do povo judeu que sofreu a diáspora e se viu expulso de sua terra e espalhado pelo mundo. Pois, ao longo de dois mil anos ou mais, os judeus nutriram o sonho de voltar para Jerusalém e arredores. Enquanto este dia não vinha, se despediam um dos outros com a frase: 'Até o ano que vem, em Jerusalém!'. No meu caso, há mais de 35 anos morando a 396 quilômetros da querida Anita Garibaldi, venço a saudade voltando sempre, duas, três, quatro e até mais vezes por ano, dependendo dos feriadões.*[...] *E lamento não poder ir desta vez,* [para a Festa do Migrante] *mas fica certo, no ano que vem nos veremos em Jerusalém. Quer dizer, em Anita o melhor lugar do mundo para onde, um dia, todos os migrantes voltarão e se Deus quiser, não só para a festa, mas para ficar.*[2]

É sintomática a "Festa do Migrante", em meados de novembro, que traz de volta, ainda que só por alguns dias, as pessoas ou famílias que saíram de Anita Garibaldi e se estabeleceram em outras regiões ou cidades do Brasil. Muitas vêm do Rio Grande do Sul, especialmente de Caxias do Sul, outras de Santa Catarina, sobretudo das cidades de Blumenau, de Brusque, de Guabiruba e da Grande Florianópolis. Os migrantes que comparecem à festa, já assimilaram elementos culturais do lugar onde

2 PEREIRA, Itamar. "A Saudade de um Migrante". In: *Jornal Correio dos Lagos*, Anita Garibaldi, 16 mar. 2010.

residem e ostentam, não raro, uma postura de sucesso econômico real ou, quando não, forjado. Isso se torna visível no automóvel que já adquiriram ou que tomam emprestado, nas viagens que realizaram ou nos presentes que oferecem aos familiares.

Os luso-brasileiros, descendentes de peões ou de agregados, mormente os que residem no interior do município, são conhecidos como caboclos. Apresentam uma tradição cultural peculiar, perceptível na maneira de trabalhar a terra, na organização do espaço doméstico, nas crenças populares e nas tradições sociais como batizados, casamentos e enterros, entre outros.



Casa de madeira, fogão à lenha e calor humano.

Os descendentes de italianos, embora tenham uma base cultural comum trazida de sua terra de origem, o Norte da Itália, apresentam, no entanto, diferenças decorrentes das perdas e das readaptações em solo brasileiro, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Os imigrantes logo se destacaram dos demais moradores da região pelo modelo de pequena propriedade, maneira de trabalhar a terra e de lidar com o gado, bem como na organização da comunidade. Os italianos vindos do Rio Grande do Sul assumiram a liderança política. Opunham-se a casamentos inter étnicos e mantiveram algumas tradições alimentares, como a polenta e o consumo de vinho. Os italianos de Serra Abaixo, além do habitual consumo da polenta e do vinho, introduziram a fabricação e o consumo da farinha de mandioca e dos derivados

da cana de açúcar. É perceptível também a presença da cultura italiana na linguagem, nas cantorias e nas crenças.

Relações sociais

Nem sempre a convivência humana é pacífica. Facilmente surgem conflitos entre vizinhos por motivos diversos como terra, animais, água e caminhos. Em outras circunstâncias surgem conflitos no âmbito da própria família, principalmente por motivo de herança. Também em Anita Garibaldi houve tensões e conflitos sociais, quer de natureza pessoal ou de ordem política decorrente do jogo de interesses. O documento abaixo evidencia a existência de conflitos com base na posse da terra e na disputa pelo poder, cuja gota d'água foi o fechamento de uma estrada.

> *Queixa-se Hortêncio Rosa que conseguiu com o superintendente Vidal Ramos o fechamento da estrada do Passo do Pelotinhas, que só servia para o trânsito de intrusos e criminosos pelas propriedades da região. Hortêncio possui uma invernada na região e afirma que na ausência de Vidal (em viagem ao Rio Grande do Sul) o vice-superintendente Victor Alves de Brito mandou abrir a estrada. Victor Alves é cunhado do Sr. José Maria Antunes que é desafeto pessoal de Hortêncio Rosa.*
> *José Maria Antunes também é fazendeiro na região e planeja lotear parte de sua terra para formação da Colônia Anita Garibaldi.*[3]

É compreensível e normal que, vez por outra, surgissem desavenças não só entre os poderosos e grandes proprietários de terra, mas também, e por motivos às vezes banais, entre a gente do povo. Evidentemente, nem todos os conflitos ficaram registrados. Alguns, porém, fazem parte de processos judiciais.

Mas, nas relações sociais, os conflitos são exceção. Em 1951, o Correio Lageano apresenta aos leitores uma imagem muito positiva de Anita Garibaldi. Lê-se no periódico:

---

[3] *Região Serrana.* Nº 109. Data: 4 jun. 1899.

> *Anita Garibaldi é um dos Distritos mais populosos e de maior produção do Município, possuindo ótimas culturas de cereais, desenvolvida indústria extrativa e se tem celebrizado pela força eleitoral demonstrado em vários pleitos. Região pacata, de homens obreiros e dedicados aos misteres da agricultura* [...].[4]

Tanto no passado como – e principalmente – no presente, predominam na sociedade anitense boas relações de amizade, de solidariedade e de ajuda mútua. A cordialidade com que as pessoas se tratam e se respeitam salta aos olhos de qualquer forasteiro.

Relações de trabalho

Quando fazendeiros paulistas se instalaram no planalto serrano, incluída a região de Anita Garibaldi, trouxeram mão de obra para trabalhar nas fazendas. Havia certa hierarquia na administração da fazenda: o capataz, os peões e os braçais livres ou escravos. Os peões de tropa conduziam os animais para outras localidades, principalmente para centros de consumo ou para lugares de produção de charque. As mulheres dos peões prestavam serviços na casa do patrão (fazendeiro) ou, então, levavam "produtos da colônia" como queijo ou carne de animal abatido na fazenda, para os patrões na cidade. Havia também os moradores considerados agregados que moravam na fazenda em troca da prestação de algum serviço. Até recentemente existia a figura do "posseiro" que ocupava uma área de terra geralmente em lugar mais afastado e de acesso mais difícil. O posseiro, como diz o termo, tinha a posse real de uma área de terra, onde vivia e trabalhava para seu sustento, mas não tinha a posse legal, ou seja, não tinha escritura pública do terreno registrada em cartório. Houve fazendeiros que legalizaram para si terras de posseiros

[4] Jornal "Correio Lageano", 06 out. 1951.

incorporando-as à sua fazenda e transformando os posseiros em empregados, ou expulsando-os.

Verifica-se, no entanto, que ao longo dos anos houve um processo de transformação quanto à posse da terra. Muitos luso-brasileiros conseguiram o acesso à uma área de terra particular, principalmente nas regiões mais acidentadas ao longo dos lajeados que deságuam no rio Pelotas. Nessas pequenas propriedades os caboclos viviam, e muitos ainda aí vivem, da cultura de subsistência e da criação de animais domésticos.

Nas propriedades das famílias de imigrantes italianos as relações de trabalho eram bastante diferentes daquelas entre os luso-brasileiros. Embora os trabalhos mais pesados ficassem a cargo dos homens, o serviço da lavoura era partilhado pelos membros de toda a família, tanto homens e mulheres, como jovens e adultos. As mulheres tinham como principal tarefa o serviço doméstico como cozinhar, lavar roupa e limpar a casa. Por isso, a maioria das mulheres tinha dupla jornada: a doméstica e também a da lavoura. O imigrante italiano, como pequeno proprietário, não tinha empregados. No entanto, alguns deles conseguiram adquirir, com o passar dos anos, grandes áreas de terra de antigos fazendeiros, principalmente do capitão José Maria Antunes Ramos quando este se desfez de suas fazendas em Anita Garibaldi. Os novos fazendeiros italianos contratavam empregados para trabalhar em suas propriedades mediante pagamento em dinheiro ou em mercadoria. Talvez motivados por outros interesses econômicos, os novos fazendeiros se desfizeram gradativamente de suas terras, vendendo-as a pequenos proprietários.

Com a instalação das madeireiras, parte da mão-de-obra foi recrutada entre a população local, principalmente entre os trabalhadores das fazendas. Estes foram vítimas de um impacto social muito forte. De peões ou meeiros, com

relativa liberdade quanto à organização do tempo, e trabalhando ao ritmo da natureza e na dependência econômica e social do fazendeiro, passaram à condição de operários, sujeitos ao ritmo da máquina e dependendo do salário para a sobrevivência.

Nos últimos anos as condições de vida do homem do campo têm apresentado significativas melhorias graças à aposentadoria do trabalhador rural e, para os assalariados, o registro em carteira de trabalho em vista de futura aposentadoria.

Esporte e lazer

Em todo o planalto catarinense, principalmente nas regiões de fazendas de gado, o cavalo era um animal de múltiplas utilidades. Servia como meio de transporte das mercadorias, para o deslocamento das pessoas e para a lida com o gado. O cavalo tinha também importante função social, pois o fazendeiro, montado em seu cavalo garboso, ostentava prestígio e poder. Função não menos importante tinha o cavalo nas práticas esportivas. Na cidade e praticamente em todas as vilas e povoados do interior, havia raias para corrida de cavalos. Em 1900, o engenheiro Rodolpho Sabatini, ao traçar o plano da cidade de Anita Garibaldi, previu também um hipódromo, isto é, uma raia em formato oval, com 1.000 metros de extensão. O hipódromo localizava-se onde hoje se encontra o complexo esportivo municipal "Silvério Pucci Ceregatti". As ruas em volta do campo de futebol correspondem basicamente ao que era primitivamente a raia para corrida de cavalos, como mostra a figura na página seguinte.

Primitivo plano da cidade com local do antigo hipódromo.
Acervo: Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

O complexo esportivo, sob responsabilidade da Comissão Municipal de Esporte – CME – compreende campo de futebol, cancha de laço, raia de corrida de cavalos, quadra de vôlei e parque infantil.

Estádio de futebol, no local do antigo "Hipódromo Lageano", 2011.
Foto: Gil Karlos Ferri.

Se o principal esporte praticado durante décadas foi a corrida de cavalos, ultimamente esta prática esportiva vem cedendo lugar aos torneios de laço. Há alguns anos as tradições gaúchas com suas práticas de lazer, como a dança, o laço e a cavalgada vêm tomando o lugar do antigo esporte da corrida de cavalos. Embora praticada em menor escala, a corrida de cavalos não perdeu sua tradição e sua prática persiste, inclusive na cidade de Anita Garibaldi, onde há uma raia no complexo esportivo situado junto ao antigo hipódromo.

Observa-se uma mudança cultural na lida com animais. Dos primórdios até a década de 1970, o cavalo tinha preponderância na prática esportiva da corrida de cavalos. As raias, próprias para este esporte ou improvisadas, existentes nas localidades do interior denotam o papel e a importância que o cavalo tinha na vida cotidiana da população. Ultimamente, com o aumento da criação de gado tanto para o abate como para a produção de leite, o boi vem ganhando espaço na prática esportiva do laço. O gauchismo, que faz parte da tradição serrana desde os primórdios, vem dando ênfase aos torneios de laço, onde entram em cena, simultaneamente, o cavalo e o boi.[5]

Olhando para o complexo esportivo municipal "Silvério Pucci Ceregatti", percebe-se claramente o lugar de destaque do campo de futebol. Apesar da tradição esportiva da corrida de cavalos e do laço, o futebol é o esporte mais popular e mais difundido em todo o município.

Desde que o Brasil se tornou campeão mundial pela primeira vez em 1958, o futebol que já era popular, difundiu-se ainda mais, inclusive nas regiões mais interioranas do Brasil. O esporte também se popularizou muito com a transmissão de jogos pelo rádio e à medida que a população teve acesso

---

[5] Cf. RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Júlio. *Fronteiras sem divisa*: aspectos históricos e culturais da área da Usina Hidrelétrica Barra Grande. Caxias do Sul, RS: Educs, 2005. Capítulo IX: A arte do laço. p. 192-197.

ao rádio, o futebol ganhou adeptos e torcedores. Até 1960, quando o Rio de Janeiro era ainda a capital da República, os times daquela cidade se tornaram os mais conhecidos e com maior número de simpatizantes. Por outro lado, as migrações de gaúchos para o interior de Santa Catarina e as migrações de anitenses para cidades gaúchas em busca de emprego, trouxeram à tona os times do Rio Grande do Sul, especialmente dos dois principais clubes de Porto Alegre, o Grêmio e o Internacional, cujas competições também eram transmitidas pelo rádio. Em Anita Garibaldi é muito forte a polarização das torcidas em favor dos dois principais times da capital do Rio Grande do Sul. A simpatia por estes times se revela nas festas de Igreja das comunidades do interior onde, a certa altura, são leiloados dois bolos, um enfeitado com as cores e símbolos do Grêmio e o outro com as cores e símbolos do Internacional. A competição no leilão consiste em saber quem chega ao valor mais elevado, pois os torcedores de um e de outro time se unem para arrecadar dinheiro para chegar a um valor mais elevado que o adversário.

Existem vários times de futebol na cidade e no interior do município. A história desta prática esportiva teve início há mais de meio século. De acordo com o professor e diretor do jornal "Correio dos Lagos" Fernando Júnior Ambrósio, a fundação do primeiro time de futebol, em Anita Garibaldi, foi na década de 1950.

> *Existiam naquela época em Anita Garibaldi muitas madeireiras. A partir daquele período e nas décadas seguintes, a extração da madeira foi o carro chefe do desenvolvimento regional. E foi justamente naquele bom momento, que surgiu o Esporte Clube Juventus. Seu fundador foi o Padre Avelino Galvin. Estima-se que o clube atuou entre os anos de 1955 a 1962, quando surgiu o Grêmio Garibaldino. O time realizava seus jogos num campo existente onde hoje se localiza a Escola de Educação Básica "José Borges da Silva". O campo, sem*

um nome definido, foi construído em forma de mutirão pelos próprios atletas e alguns voluntários da comunidade. Mais tarde, um trator melhorou a base do local. As camisas eram listradas com as cores verde, branca e azul. O time disputava jogos amistosos e torneios na região.[6]

Festas

Desde o início da colonização aconteciam os bailes ao som de gaita e violão. Os bailes eram feitos geralmente na residência de um colono que tivesse uma sala mais espaçosa ou um galpão. Antes do surgimento de clubes, existiam em algumas comunidades casas de dança que se constituíam de um salão de madeira.



Antigo salão de festas.

As principais festas, ditas populares, são aquelas realizadas em homenagem aos santos padroeiros da Igreja Matriz e

6 AMBROSIO, Fernando Junior. *A história do futebol no Município surgiu com o Juventus*. In: Jornal "Correio dos Lagos", Anita Garibaldi, 16 mar. 2010.

das capelas das comunidades do interior. Na cidade comemora-se Santa Bárbara, padroeira da Igreja Matriz e do Município, no dia 4 de dezembro.

Além das festas religiosas de longa tradição, há outras, também muito concorridas, como a de São Cristóvão e do Colono, celebradas no dia 25 de julho ou em dia próximo a esta data. Em 2003, durante a primeira gestão do prefeito Roberto Marin, a municipalidade introduziu a "Festa do Migrante" realizada em meados de novembro. É uma festa de caráter popular que congrega principalmente pessoas que migraram para outras cidades e que nesses dias de festejo voltam para a terra natal para se reencontrar e confraternizar com parentes e amigos.

Um dos momentos mais importantes na vida em sociedade é o casamento. O casamento celebra não só a constituição de uma nova família, mas estabelece também novos laços sociais e amplia as relações de parentesco. Os pais exerciam papel determinante no estabelecimento e ampliação destas redes que podiam ser de ordem política ou econômica. Às vezes as desavenças entre famílias se constituíam em obstáculo à realização de determinados matrimônios. O casamento civil acontecia perante o Juiz de Paz mais próximo, primeiro em Lages, depois em Campo Belo do Sul para onde os noivos se dirigiam em "cavalaria". Em 1931 foi criado o Cartório de Registro Civil em Anita Garibaldi e os casamentos passaram a ser feitos na cidade. O casamento religioso era celebrado por ocasião da visita do padre que, por sinal, nos primeiros tempos, era esporádica, talvez uma ou duas vezes por ano. A festa acontecia geralmente na casa da noiva, onde era servido almoço com comida de panela. Como bebida, era servido o vinho (entre os italianos) ou cachaça e gasosa. À tarde dançava-se ao som da gaita e, como as casas eram de madeira, retirava-se uma parede para haver espaço maior para dança. Antes do

anoitecer era ainda servido café com mistura (pão, bolo, doce). Até a década de 1940 não era comum acontecerem casamentos etnicamente mistos, ou seja, entre "brasileiros", "italianos" ou "alemães". Depois, aos poucos, mas com muitas restrições e resistências, esse preconceito foi desaparecendo. A objeção aos casamentos inter étnicos praticamente não existe mais, mas persistem outros motivos que levam os pais a não concordarem com determinadas uniões.

Família e educação

Não se tem notícia da existência de escola na região de Entre Rios antes da fundação da colônia Anita Garibaldi. Por isso, era elevado o índice de analfabetos. Os caboclos trabalhadores nas fazendas, ou os posseiros em sua gleba, não sentiam nenhuma necessidade do ensino escolar. A educação, os conhecimentos e os saberes eram transmitidos de geração em geração no âmbito da família e da vizinhança. Os valores morais, baseados mais numa ética natural, eram igualmente transmitidos no âmbito doméstico. Nas fazendas, de forte tradição patriarcal, a voz dos mais velhos se fazia sentir sobre toda a parentela. Tinham também forte incidência as pregações dos padres que, de tempos em tempos, visitavam as capelas ou as sedes das fazendas para a desobriga.

Entre as famílias de origem italiana, os preceitos religiosos e a voz do clero exerciam fundamental importância. Com a criação e a difusão das escolas, a tarefa educacional passou a ser dividida com estas instituições. As escolas começaram a ter papel importante na socialização, graças à convivência com crianças de outras famílias e à presença do professor com seu saber, sua autoridade e sua disciplina.

Em todos os segmentos da sociedade anitense percebe-se o predomínio do homem nas decisões da família e da sociedade. Tanto entre luso-brasileiros, como entre ítalo-brasileiros, a mulher tinha um papel restrito ao âmbito doméstico. Ela não tinha muita participação nas decisões familiares ou nas relativas à vida pública.

Salta aos olhos do pesquisador a hospitalidade das famílias e a cordialidade das pessoas. Se em outras regiões do Brasil o visitante é recebido oferecendo-se um cafezinho, em Anita Garibaldi este hábito é substituído pela oferta e partilha de um chimarrão. O chimarrão desempenha importante papel de sociabilidade e tem forte caráter simbólico quando se toma em consideração que o visitante bebe da mesma cuia daquele que recebe a visita. O calor humano se torna ainda mais evidente quando nos dias frios de inverno as pessoas se reúnem ao redor do fogão à lenha na cozinha e a cuia do chimarrão passa de mão em mão enquanto são tratados os mais variados assuntos.



Roda de chimarrão na localidade do Divino, 2011.
Foto: Claudete Ferri.

Valberto Dirksen

Formação acadêmica: Graduado em filosofia (1974), doutor em Ciências Humanas pela Universidade de São Paulo – USP (1980), especializado em estudos latino-americanos nas universidades de Roma e Paris (1983-1984), Pós-doutorado, na área da imigração alemã no Brasil, pela Universidade Livre de Berlim (1997-1998).

Magistério: Centro Universitário de Brusque – Unifebe (1979-1991); Universidade Regional de Blumenau – FURB (1988-1991) e Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (1991-2003).

Além da participação com conferências em congressos, publicou inúmeros artigos sobre imigração europeia em Santa Catarina. Orientou mais de uma dezena de teses sobre a mesma temática.

Publicações – Livros: 1) *Viver em São Martinho* (1995), 2) *Dona Emma, história do município* (1996), 3) *Rio do Sul, uma história* [co-autor] (2000), 4) *Presença e missão dehoniana no Sul do Brasil* (2004), 5) *Paganismo e cristianismo em Roma no século IV* (2007), 6) *Dirksen: história de uma família* (2010), 7) *Anita Garibaldi: Retratos da Memória* – 1ª edição (2011), 8) *Viver em São Martinho: a colonização alemã no Vale do Capivari* – edição revista e ampliada (2012), 9) *A Colônia Comunitária de Jovens Heimat-Timbó* (2015).

PLANTA
da Colonia
Annita Garibaldi

ESTABELECIDA EM TERRAS
DO
Cap. José Maria Antunes Ramos.

MUNICIPIO DE LAGES
ESTADO DE S. CATHARINA

Area superficial

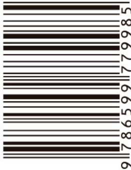
Terreno em Colonização
pertencente ao Cap. José Maria Antunes Ramos
Terreno dos Mottas
Terreno de Julio Pacheco
Rio Canoas
Lageado Ulysses
Lageado Antunes
Lageado Claro
Lageado Cafador
Lageado Paiol-Velho
Arroio do Carlos

Linha: Dr. Sibas
Linha: Lauro Müller
Linha: Cel. João Ribeiro
Linha: Cel. Antunes
Linha: Cel. Vidal Ramos
Linha: Bonito Fontoura
Linha: Baron Moser
Linha: Soberes Junior

S. N. O. L.

Fundador:
Engº Director:

ESCALA


ISBN: 978-65-997799-8-5
9 786599 779985